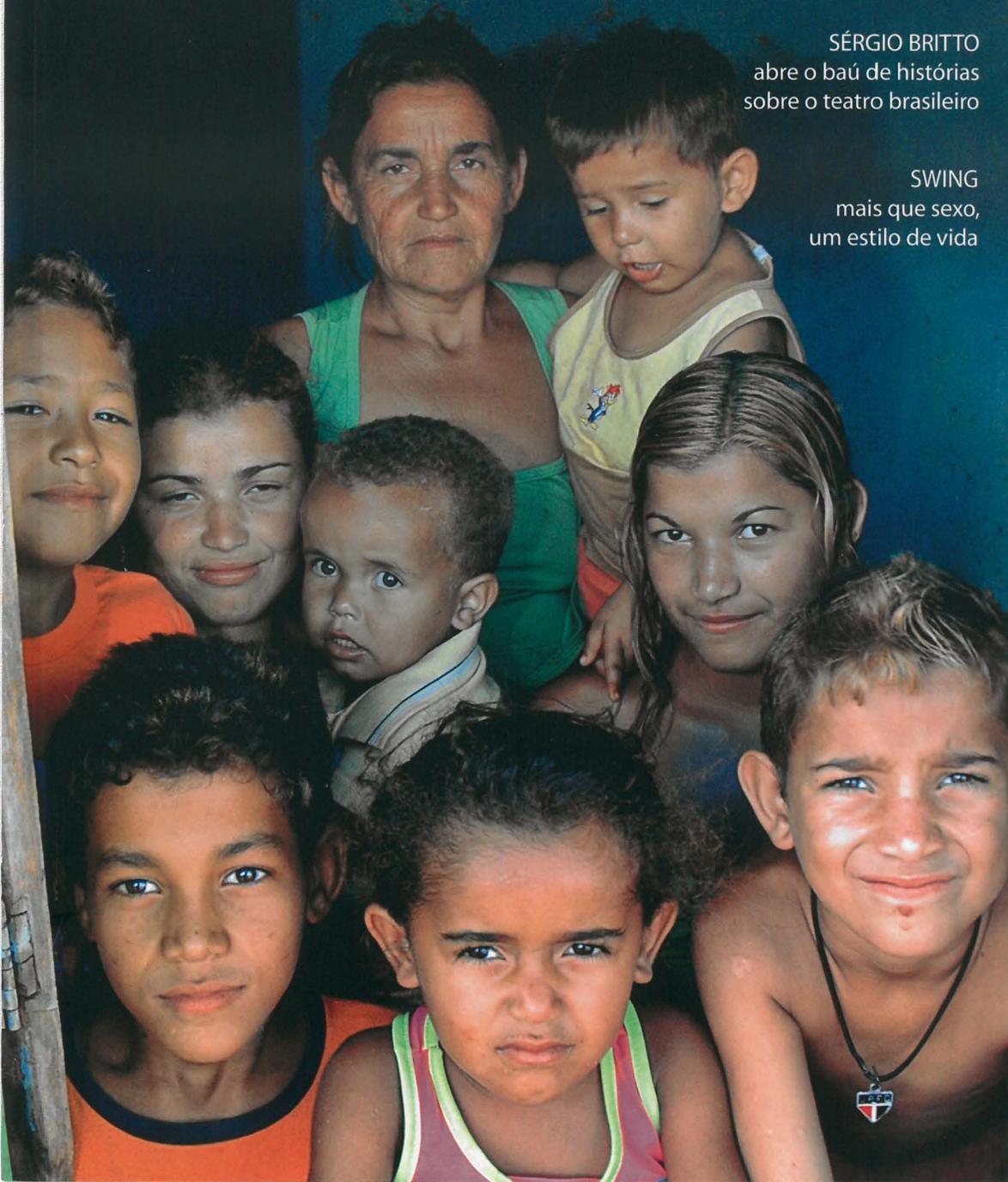


2 campus repórter

GUARIBAS
UMA NOVA CARA NO SERTÃO

SÉRGIO BRITTO
abre o baú de histórias
sobre o teatro brasileiro

SWING
mais que sexo,
um estilo de vida



1

Primeiro
exemplar
Primeiro
lugar

Revista *Campus Repórter* ganha seu primeiro prêmio



A revista, produzida integralmente pelos estudantes de jornalismo da UnB, levou o primeiro lugar na modalidade jornalismo impresso na Expocom 2008. Com isso concorrerá na etapa nacional, representando o Centro-Oeste no Intercom em setembro.



UnB

Faculdade
de Comunicação

Carta da Editora

Esta segunda edição da *Campus Repórter* é fruto do trabalho de um grupo de jovens prestes a se formar jornalistas. Orientados por professores com experiência de redação e de academia, eles saíram a campo, em busca de uma grande reportagem. As idéias de pautas indicavam novos caminhos no mapa do Brasil. Escolhemos alguns.

No Piauí, a história de dona Lili, uma dona-de-casa de Guaribas, orientou o olhar sobre os dados técnicos do Fome Zero e do Bolsa Família, para a reportagem de capa. Na Paraíba, os repórteres viajaram para o interior, de kombi, para conhecer a estreita relação entre o cordel e o cotidiano da população local.

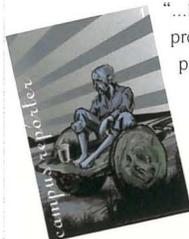
A reportagem no quadrilátero do *swing*, em São Paulo, registrou cenas de um casamento de parceiros que gostam de trocar de parceiros sexuais.

Os repórteres viajaram no tempo, a outros interiores. À memória vigorosa e afetiva do ator Sérgio Britto, o entrevistado da edição. À memória delicada da senhora Fumiko Kanegae, mãe do primeiro descendente de japoneses nascido em Brasília, batizado pelo presidente Juscelino Kubistcheck.

Depois de lapidados, textos e fotos ganharam forma nas mãos de diagramadores e ilustradores, que integram esta equipe multidisciplinar. No meio da produção, uma notícia aumentou nossa responsabilidade: ganhamos o prêmio Expocom Centro-Oeste em mídia impressa, com a primeira edição da revista. Boa Leitura!

Márcia Marques

Espaço do leitor



“...Parabenizo o diretor e os professores desta Faculdade pela bela iniciativa”

Hélio Costa

Ministro das Comunicações

“...felicito a equipe responsável por esta edição, desejando-lhes sucesso aos futuros projetos”

Tarso Genro - *Ministro da Justiça*

“...Agradeço o envio da revista *Campus Repórter*, tão bem elaborada por estudantes dessa Universidade”

Marisa Serrano - *Senadora*

“Minhas mais sinceras congratulações ao diretor e alunos pelo presente trabalho”

Patrus Ananias - *Ministro do Desenvolvimento Social e Combate a Fome*



Na primeira edição a foto de Machado de Assis com Joaquim Nabuco ao fundo e a do Barão de Mauá foram identificadas erroneamente.

Relação de instituições que agradeceram o envio da Campus Repórter e solicitaram continuar recebendo a publicação:

Faculdades Jorge Amado
Fundação Educacional São José
Faculdades de Santos Dumont
Faculdade do Sul de Mato Grosso
Centro de Ensino Superior de Rondonópolis
Faculdade de Maringá
Faculdade Comunitária de Taubaté
Anhanguera Educacional
Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do RN – FACEX
Centro Universitário Franciscano – UNIFRA
Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO
Centro Universitário Plínio Leite – UNIPLI
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo
Fundação Municipal Centro Universitário da Cidade de União da Vitória- UNIUV
Faculdade Atenas Maranhense – FAMA
CEAMA
Faculdade do Seridó – FAS
Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM
Faculdade 2 de Julho
Universidade Ibirapuera
Universidade Santa Cecília – UNISANTA
Faculdade EDUVALE de Avaré
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL
Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE MG
Fundação Instituto de Ensino para Osasco – FIEO
Centro Universitário Filadélfia - UNIFIL

Retirantes
da Miséria
34

Expediente

Professores orientadores - Diretor Geral

David Renault Editora Executiva Márcia

Marques Diretora de Arte Célia Matsunaga

Editoras *Dione Moura e Rosa Pecorelli*

Editor de Fotografia *Marcelo Feijó*

Diretor de Marketing *Edmundo Brandão*

Alunos - Secretária de Redação *Pollyane de*

Oliveira Repórteres Ana Elisa Santana, Ana

Paula Leirão, Bruna Sensêve, Gustavo Ribeiro,

Isabel Vilela, Juliana Poletti, Luciana Marques

Secretária de Marketing *Bárbara Lins*

Executivo de Marketing *Valter Júnior*

Diretora de Arte *Daniela Moura*

Projeto Gráfico *Daniela Moura, Flora Egécia,*

Luisa Picanço, Miguel Vilela, Paola Lira,

Rodrigo Porto, Susane Brandão **Fotógrafos**

Pedro Ladeira e Tito Barros **Ilustradores**

André Lins Bonfim (61 8464 6180), Virgílio

Neto (61 9974 2148), Ane Karoline Silva (48

91.561.689) **Suporte de Informática** *Pedro*

França **Capa** *Flora Egécia (arte), Pedro*

Ladeira (foto) **Colaboradores** *José Luiz*

Silva, Paulo José Cunha

Agradecimentos *Alberto Paulo Poletti,*

Alessandro Folha Maia, Anna Vacciano, Antônio

Azenildo Ramos, Ercilio Matias de Andrade,

Joel e Sônia Oliveira Souza, Laura Albuquerque,

Lamy, Lucilé de Santana Ribeiro, Marcelo

Canellas, Maria Inês Ramos, Milena Souza,

Noberto Abreu, Roseli Ferreira, Saulo Ávila,

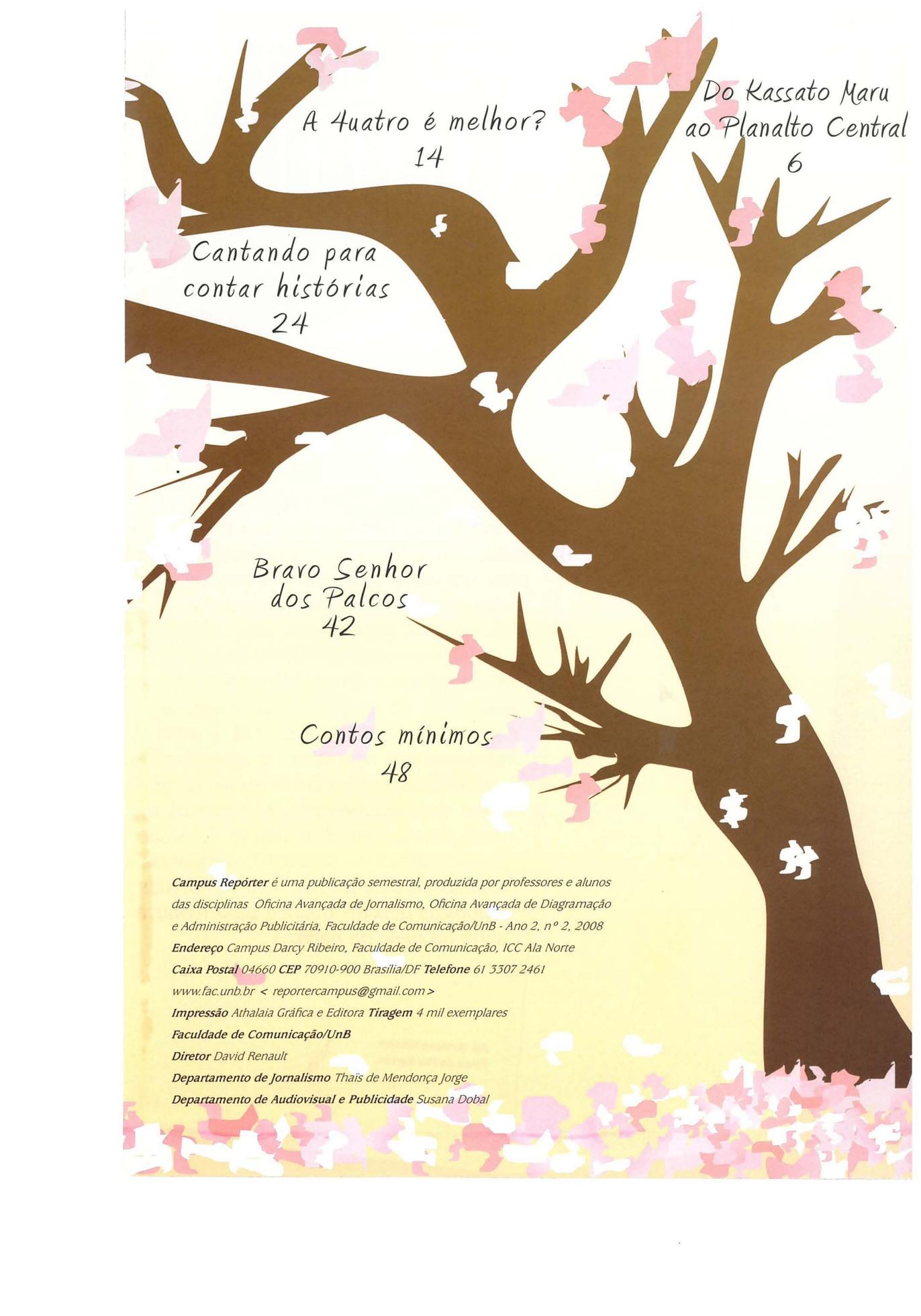
Secretaria da Faculdade de Comunicação da

UnB, Soraya Brandão, Thainá Margalho, Vildeni

e Hiromi Niho, Wilson Moreno, Comunidade

de Várzea Bonita/DF Decanato de Assuntos

Comunitários /UnB.



A quatro é melhor?

14

Do Kassato Maru
ao Planalto Central

6

Cantando para
contar histórias

24

Bravo Senhor
dos Palcos

42

Contos mínimos

48

Campus Repórter é uma publicação semestral, produzida por professores e alunos das disciplinas Oficina Avançada de Jornalismo, Oficina Avançada de Diagramação e Administração Publicitária, Faculdade de Comunicação/UnB - Ano 2, n° 2, 2008

Endereço Campus Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação, ICC Ala Norte

Caixa Postal 04660 **CEP** 70910-900 Brasília/DF **Telefone** 61 3307 2461

www.fac.unb.br < reportercampus@gmail.com >

Impressão Athalaia Gráfica e Editora **Tiragem** 4 mil exemplares

Faculdade de Comunicação/UnB

Diretor David Renault

Departamento de Jornalismo Thais de Mendonça Jorge

Departamento de Audiovisual e Publicidade Susana Dobal

DO KASATO MARU AO PLANALTO

No dia 18 de junho de 1908, o navio Kasato Maru aportava em Santos, trazendo 781 japoneses - os primeiros a pisar em terras tupiniquins. Com eles, novos costumes, novas técnicas agrícolas e uma filosofia de vida muito peculiar, baseada nos valores da cortesia, do esforço e da disciplina. 50 anos mais tarde, os imigrantes japoneses, já respeitados por sua produtividade e pelas inovações que trouxeram à agricultura brasileira, são convidados a cultivar as terras que abasteceriam de alimentos a futura Capital Federal. A convite de Israel Pinheiro, diretor da NOVACAP - companhia urbanizadora de Brasília - cinco famílias nipônicas deixam Goiânia para tentar a sorte no meio do nada.

**Por Gustavo Ribeiro
Fotos de Tito Barros**

CENTRAL

勇氣

coragem

Dona Fumiko Kanegae, viúva de Yasutaro, é uma prova viva e comovedora da persistência, disciplina e solicitude nipônicas. Aos 88 anos, a simpática senhora acorda todos os dias às cinco horas da manhã e vai trabalhar em sua chácara: capina o terreno de dia e pesca depois do almoço. “Japoneses trabalham muito, não tem preguiça” - diz - “Deus me deu saúde, então tenho que trabalhar”.

Sua dedicação já lhe rendeu uma série de prêmios e honrarias do governo do Distrito Federal, entre elas as medalhas de “Honra ao Mérito”, “Mérito Alvorada” e “Ordem do Mérito Brasília”.

Do ventre de dona Fumiko nasceu Heitor, o primeiro nissei - filho de japoneses - nascido em terras candangas. Seu padrinho, ninguém menos que o presidente Juscelino Kubitschek. O batismo foi no próprio sítio dos Kanegae, com direito a churrasco com “toda a japonesada”. Heitor conta que não teve muito convívio com o padrinho por conta da trajetória política de JK - exilado voluntariamente após o golpe de 64.

Dona Fumiko se diverte contando que, ao entregar a primeira colheita de sua família ao presidente, ele teria ficado

Pode chamar mais japoneses!

JK, ao ver a primeira colheita da família Kanegae





muito feliz e dito: "Pode chamar mais japoneses!". Hoje, os 23 hectares da chácara dos Kanegae produzem cerca de uma tonelada de folhagem por dia, metade destinada ao consumo do Distrito Federal e metade exportada para Manaus.

Começo difícil

Quem vê os olhos brilhantes e o sorriso fácil da matriarca dos Kanegae nem imagina o sofrimento pelo qual ela já passou. Dona Fumiko trabalha duro desde que deixou o Japão, aos 9 anos de idade. Não teve a oportunidade de estudar, por não existirem escolas na colônia em que seus pais se assentaram, em Birigui, São Paulo.

Além do trabalho duro, as diferenças culturais e de língua eram apenas mais algumas das dificuldades enfrentadas pelos primeiros imigrantes.

A comida era estranha. Acostumados a uma alimentação leve e frugal, os japoneses pensaram para tolerar a comida gordurosa e temperada oferecida por seus patrões. Houve até quem morresse de fome por não agüentar comer o que era oferecido. "Em Bauru eles nos davam pão com mortadela pra

comer, mas a gente comia só o pão” – conta Fumiko.

Mas o golpe mais duro contra a comunidade nipônica foi durante a Segunda Guerra Mundial, no governo de Getúlio Vargas. Por serem filhos de um país inimigo, os nipo-brasileiros, que nada tinham a ver com o conflito, sofreram toda a sorte de perseguições e humilhações. Suas escolas foram fechadas, suas manifestações culturais, proibidas. Foi proibido até mesmo falar japonês em público. A discriminação racial contra os nipônicos, que sempre estivera presente, voltava com tudo.

Shindo Renmei

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe uma situação inédita: nunca antes, em toda a sua história, o Japão havia perdido um conflito armado em seu território. No Brasil, privada da leitura de jornais em japonês desde 1941, a comunidade nipo estava confusa. Vendo na possível vitória de seu país a única solução para as agruras que enfrentavam, um grupo cada vez maior de japoneses passou a alimentar a idéia de que seu país havia, na verdade, vencido a guerra, e que as notícias da derrota não passavam de propaganda e estratégia norte-americanas.

Deus me deu saúde,
então tenho que
trabalhar

Dona Fumiko Kanegae,
pioneira, 88 anos

Dessa forma, os kachigumi ou “vitoristas”, fundaram a Shindo Renmei, a “Liga do Caminho dos Súditos”, com o objetivo de combater os makegumi, ou “derrotistas” – aqueles que acreditavam na derrota nipônica. Por considerarem os makegumi “traidores da pátria”, os integrantes da Shindo Renmei depredavam suas plantações e os ameaçavam de morte.

Aterrorizada, a maior parte da colônia aderiu ao movimento. Aos “corações sujos”, como eram chamados os supostos traidores, era oferecido o suicídio, ritual como forma de “lavar a alma” – resquício da tradição do haraquiri dos samurais. De março de 1946 a janeiro de 1947, quando o movimento foi desmantelado, 23 imigrantes japoneses foram assassinados no Brasil pelos “vitoristas”. Esta história foi contada pelo jornalista Fernando Moraes no livro “Corações Sujos” (Companhia das Letras, 2000).

Vargem Bonita

Passados mais de 20 anos do fim dos conflitos, outra era a situação dos nipo-brasileiros que chegavam à futura capital. Convidados diretamente pelo braço direito do Presidente da República na aventura



da construção de Brasília, a maior dificuldade dos recém-chegados era mesmo domar as terras arredias do cerrado. Vencido esse primeiro desafio, os japoneses e seus descendentes encontraram na calma do Planalto Central um lugar ideal

para se desenvolver, tanto material como culturalmente.

A comunidade de Vargem Bonita é um exemplo disso. Apesar das chácaras de tamanho reduzido - quatro hectares - a agricultura ainda é a principal fonte de sustento. Mas é na prática das

tradições que a vila se destaca.

Atualmente, a Associação Cultural e Esportiva de Vargem Bonita promove aulas de língua japonesa, karate, kendo, taiko e odori. “Kendo” é um esporte baseado na antiga técnica de luta com espadas dos samurais; “taiko” é



Chácara especializada na produção de flores, em Vargem Bonita, no Distrito Federal

o nome japonês para tambor e “odori”, uma dança típica. Além dessas atividades, os habitantes também praticam dois esportes tipicamente nipônicos: o softball – versão mais leve do baseball – e o gateball – espécie de pólo, preferido pelos mais velhos.

Existem cerca de 2.200 famílias de japoneses e seus des-

cedentes vivendo no Distrito Federal, 47 em Vargem Bonita. Boa parte delas preocupada em manter vivas algumas das tradições de seus ancestrais.

O Caminho de Volta

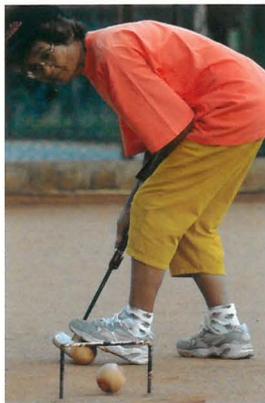
A espetacular recuperação econômica do Japão após a Segunda Guerra Mundial provocou um

fato inusitado: os descendentes dos japoneses que vieram ao Brasil há 100 anos começaram a voltar ao país de seus antepassados em busca da mesma coisa: trabalhar, juntar uma boa poupança e voltar.

Mas, ao contrário dos primeiros imigrantes japoneses, enganados pelo governo imperial



Prática do Taiko



Gateball em Vargem Bonita



Esgrima samurai

com promessas de riqueza fácil, os dekasseguis – como ficaram conhecidos esses novos imigrantes – encontraram o que esperavam no Japão: empregos monótonos e cansativos que, no entanto, pagavam muito bem.

Nelson Uema, morador de Vargem Bonita, fez parte do movimento dekassegui. Embarcou para a terra de seus avós em janeiro de 1990 e voltou em setembro de 1997. Em menos de 7 anos trabalhando cerca de 12 horas por dia em um robô da Toshiba, voltou ao Brasil com

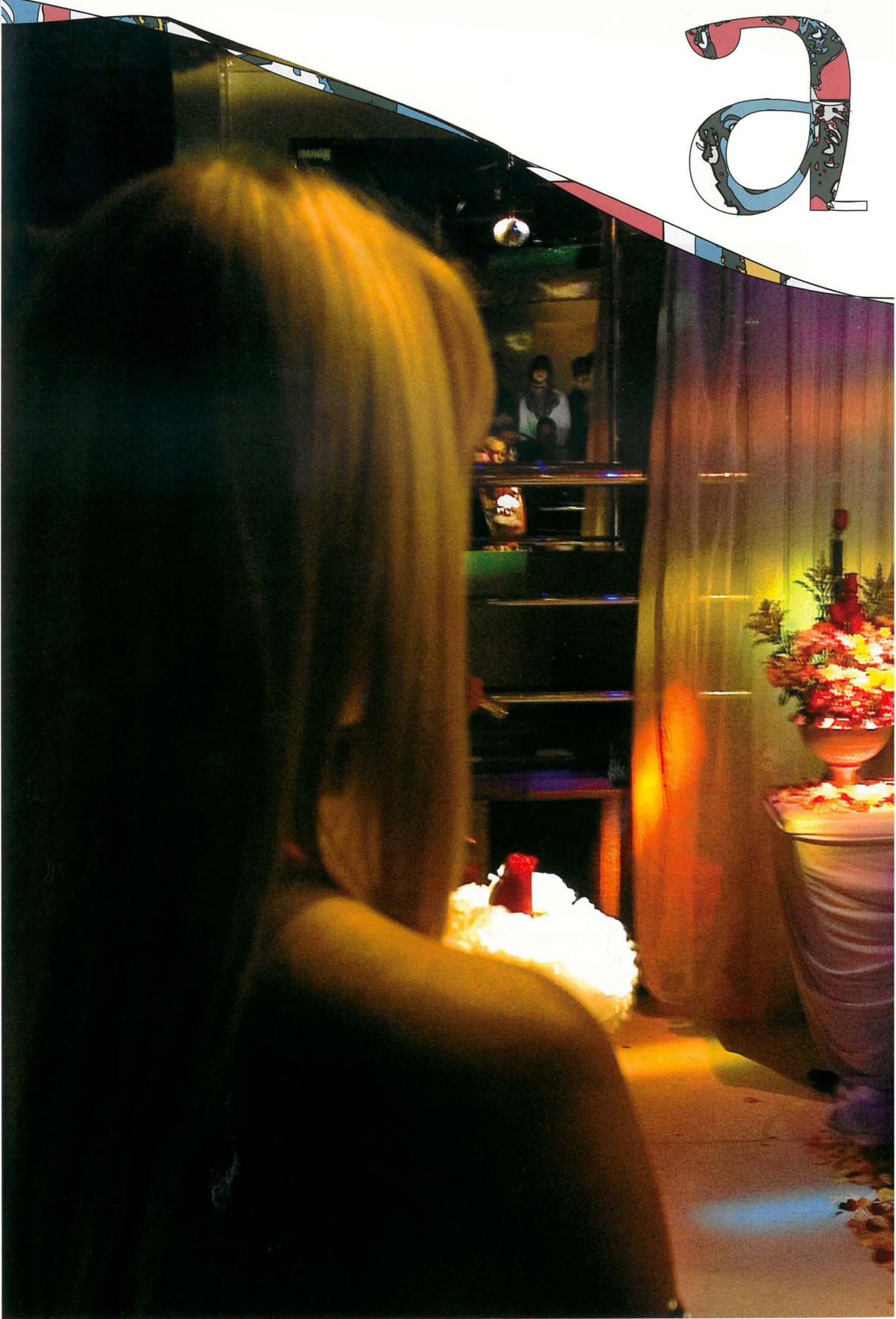
um patrimônio de 200 mil dólares. O contrapeso foi que, nesse tempo, quase não fez nada além de trabalhar: “Eu perdi a minha juventude nisso, às vezes nem sabia quando era noite e quando era dia”.

Atualmente, os brasileiros são a terceira maior colônia de estrangeiros no Japão, atrás apenas dos chineses e coreanos: cerca de 300 mil pessoas. Já a maior colônia japonesa fica aqui, no Brasil, com 1,5 milhão de japoneses e descendentes. ❖

成功

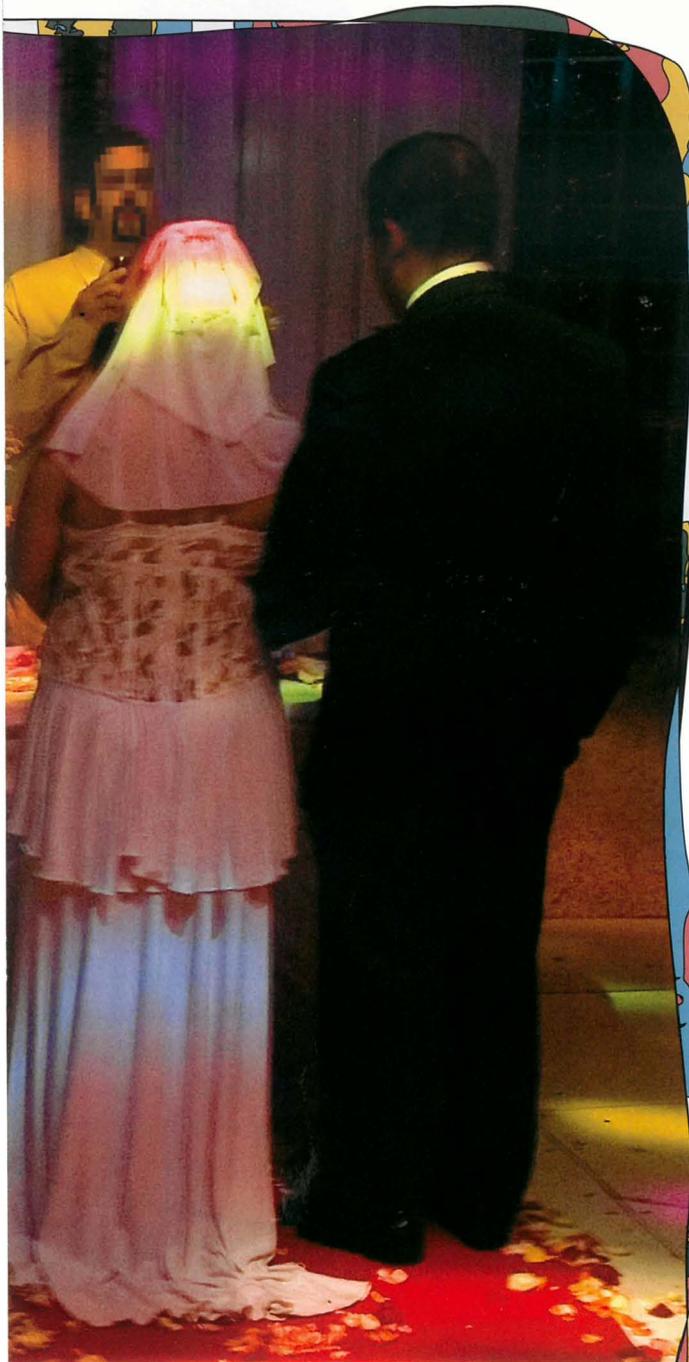
SUCESSO

aa



4 Quatro

e me lhor?



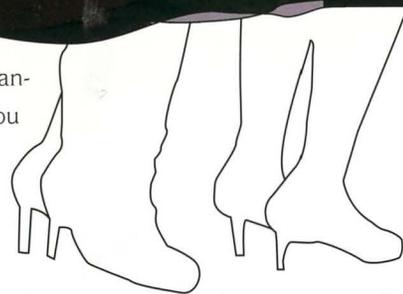
Por Ana Paula Leitão e Bruna Sensêve
Fotos de Pedro Ladeira

De vestido branco, ela mantinha-se em frente à casa. Três mulheres enfileiradas juntas a ela aguardavam a música certa. Os 15 graus castigavam do lado de fora, mas não atrapalhavam o calor que emergia lá dentro. Entre sorrisos e ansiedade, deram início à marcha que culminaria no altar. Quem via os passos despreocupados não imaginava que ela caminhava para o matrimônio. Ele fazia graça e parecia não ver seriedade no enlace das assinaturas. Feitas as formalidades, o juramento: “Lhe dou esta aliança como prova do meu amor, carinho e fidelidade”. Todos riram. No ambiente do *swing*, a palavra fidelidade ganha outro significado.



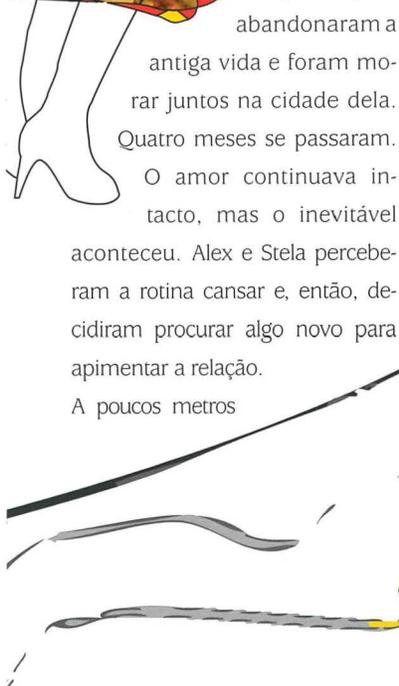
“Eu te amo” foi a resposta para a amante brincalhona que em instantes se tornaria sua esposa. O juiz oficializou o que era o primeiro casamento em uma casa de *swing* no Brasil no dia 31 de maio deste ano e, mais tarde, afirmou que a lei não impede que a cerimônia seja realizada no local. Os noivos se apressaram para cumprimentar madrinhas e padrinhos. Cada um recebeu um beijo na boca, dado por Alex e Stela*, antes mesmo dos dois selarem a união apaixonados.

Conhecidos como “Casal Fanfarrão”, a dupla não poupou esforços para afirmar o gosto pela prática sexual da troca de casais e formalizou o relacionamento na Image Night, casa de *swing* localizada na Alameda dos Arapanés, no bairro nobre de Moema, em São Paulo. Juntos há quatro anos e meio, os dois se conheceram pela internet, em salas de bate-papo. Na época, ela estava casada e mantinha relacionamentos fora



do casamento. Alex também tinha esposa e gostava de fazer sexo por telefone e pela internet. Ele morava no Rio e ela, em São Paulo.

Foi um ano até se encontrarem pessoalmente. A paixão foi certa.



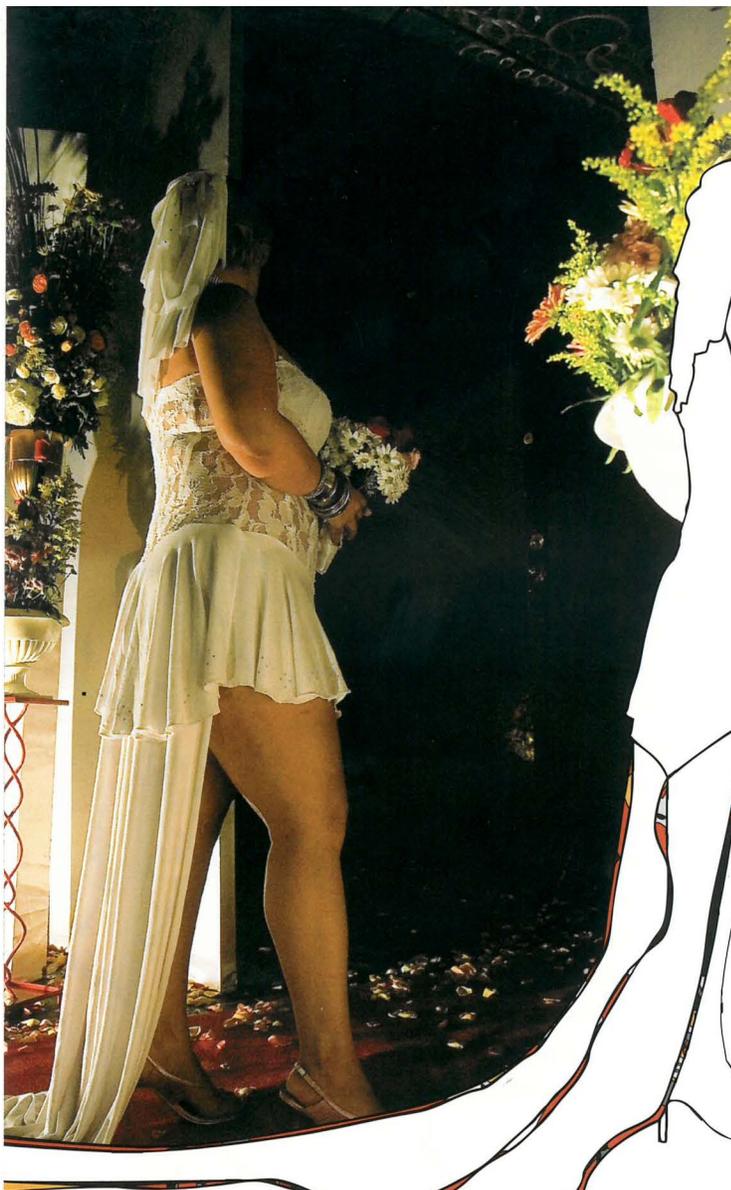
de distância, ainda dentro do carro, observaram, medrosos, a casa de *swing*. A dúvida deixou-os paralisados por uma hora em frente ao estabelecimento. Mas a vontade de viver a experiência era maior. Resolveram entrar. A casa era dividida em diversos ambientes. Bar, pista de dança, mesas e o diferencial: quartos individuais e coletivos destinados a práticas sexuais, além do famoso labirinto. Este normalmente possui espelhos, telas, sofás, cortinas e buracos nas paredes para quem quiser interagir e não ser identificado. Foi nesse ambiente que Stela teve seu primeiro choque. Às 3h da manhã, decidiu criar coragem e visitar o labirinto. Desavisada do que lá acontecia, sentiu uma mão estranha tocar o corpo. Foi choro na certa. A iniciante entrou em pânico e soltou altos berros. Os seguranças logo chegaram para saber o que havia ocorrido. “Um rapaz

passou a mão em mim”, disse aos prantos. “Minha senhora, isso aqui é normal. Você tem que chorar é se ele não passar”, retrucou o segurança.

A partir daí as mudanças foram tantas que 90% das amigas do casal são do meio, motivo que os levou a realizar o casamento na Image. A família não estava presente, mas compareceram 125 casais, dentre os quais



* os nomes em asterisco são fictícios



Na pista de dança, alguns pulavam, tiravam a roupa, outros iam mais longe e, fora dos quartos, davam início às preliminares. Beijos a três e sexo oral eram comuns em público. Em meio aos acontecimentos, a pista de dança foi desocupada para o show de dois "strippers", ela vestida de noiva e ele de médico.

O espetáculo parou a intensa movimentação da casa e, inquietos, todos voltaram a atenção para o centro da pista onde o casal de strippers simulava relações sexuais. As bebidas eram marcadas na comanda entregue a cada casal convidado na entrada. As escolhas variavam entre uísque, um

era Suzy, colega de trabalho dos

o próprio juiz, que também frequenta o local com sua esposa. Ela foi, inclusive, a responsável pela composição da roupa da noiva, que fez questão de todos os adereços que a ocasião exigia.

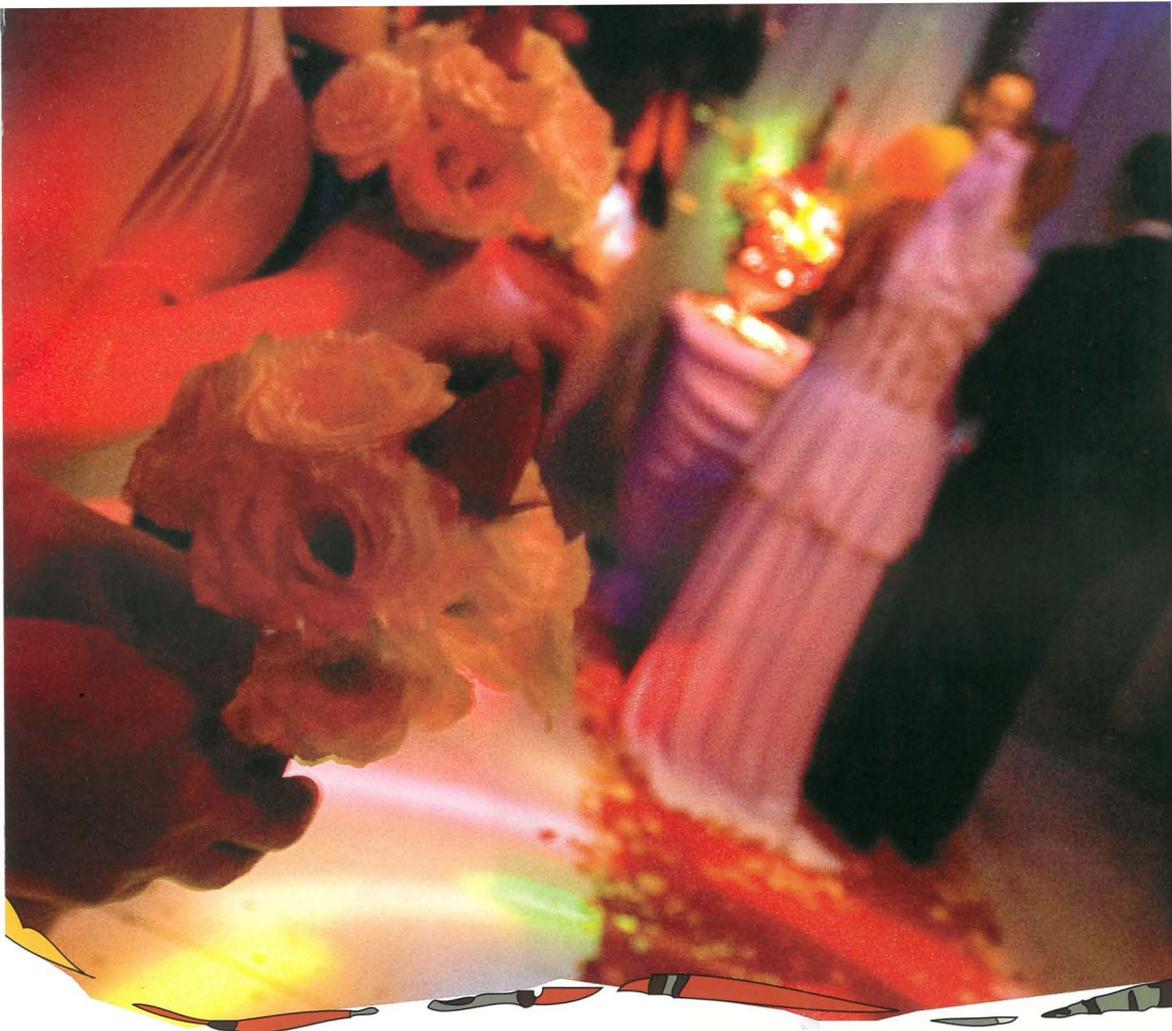
Além dos casais, alguns solteiros (apelidados de "lanchinhos" pelos praticantes), assistiram a cerimônia, que durou cerca de 15 minutos. Uma delas

noivos. Ela se disse surpresa com a vestimenta das mulheres, algumas somente de lingerie, e revela que a casa é diferente do que imaginava. "Aqui rola mais contato de amizade do que em uma balada normal, mas tem os que vêm para pura curtidão também", observa.

Entre amigos, os noivos e convidados se sentiram à vontade.

simples refrigerante ou água mineral. Além disso, foi servido um coquetel com sanduíches e salgados que só quem chegou mais cedo pôde aproveitar.

Para encerrar a comemoração, o tradicional: os recém-casados cortaram o bolo, brindaram e ela jogou o buquê. Mas para eles a noite não terminava ali. Embora tivessem uma tenda exclusiva para as núpcias, não foi aquele o local escolhido



para a primeira troca depois de casados. Alex e Stela preferiram um quarto privado da casa. Um motel foi a rota final, onde a festa ficou só por conta dos dois.

“Não cobice a mulher do próximo se o próximo não estiver próximo”

O *swing* é cheio de regras e mandamentos que provam que, além do sexo, existe uma filosofia de

vida comum aos praticantes. O sociólogo e professor da Universidade de Brasília (UnB), Edson Farias, diz que o *swing* pode ser considerado uma onda cultural levada adiante por uma diversidade de estilos de vida que coloca em questão o casamento patriarcal, baseado na reprodução familiar e na fidelidade conjugal. Um exemplo desses estilos foram os hippies da década de 60 que, entre outros aspectos, pregavam a liberação sexual. “Talvez o *swing* seja uma dessas facetas, quer dizer, o modo como um grupo de pessoas expe-

rimenta a reelaboração de suas relações conjugais”, enfatiza o sociólogo.

No Brasil, não se sabe ao certo o número de adeptos, mas alguns sites de relacionamentos contabilizam só na cidade de São Paulo cerca de 35 mil pessoas cadastradas. Em Brasília, o fenômeno acontece de outra forma. Os *swingers* da capital se dividem em dois grupos: os moderados, que normalmente se reúnem em festas particulares para fazer amizades e trocar os parceiros; e os liberais, que procuram sexo pelo sexo e se

encontram nas duas casas da cidade, o Swing Club DF, no Park Way, e a Casa Paraíso, na rua 15 do Lago Oeste. Nos dois casos, procura-se seguir as regras que incluem o uso de camisinhas e princípios como “não faça com a mulher dos outros o que não tenha feito com a sua”.

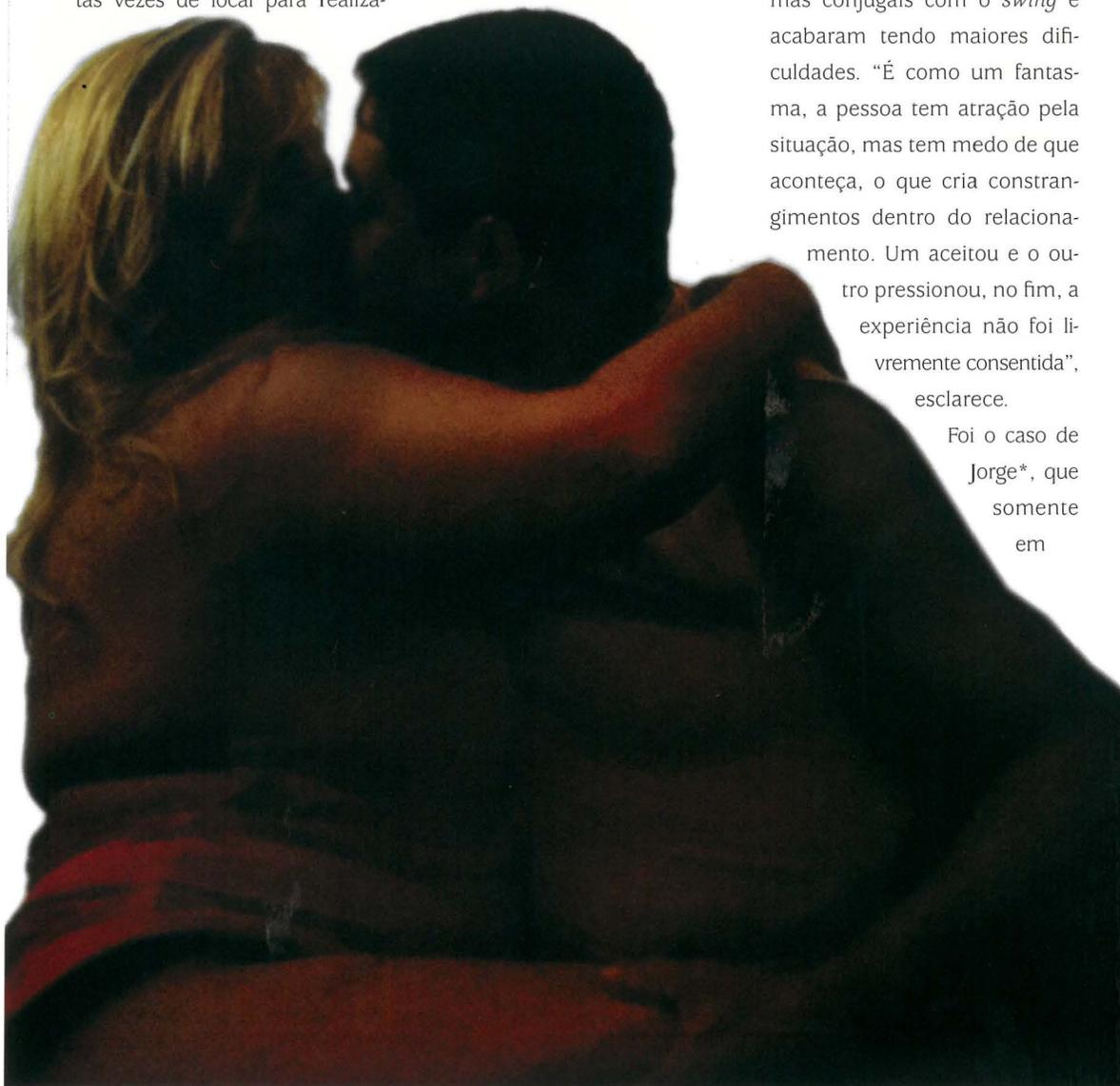
As casas recebem um público de todas idades, servindo muitas vezes de local para realiza-

ção de outras fantasias, como o famoso ménage à trois (sexo a três), o voyeurismo (pessoas que gostam de assistir) e o exibicionismo. Por oferecer espaço para as práticas, nesses locais podem ser encontradas garotas de programa levadas por frequentadores, uma saída procurada por quem não quer se envolver com as pessoas do local.

“A maioria dos casais estão lá para salvar o casamento, embora seja consenso que o *swing* não salva casamento de ninguém”, explica Paulinha Danadinho, como é conhecida a stripper e promotor da Casa Paraíso.

A sexóloga e terapeuta de casais Jerusa Figueiredo reconhece que já atendeu casais que tentaram resolver problemas conjugais com o *swing* e acabaram tendo maiores dificuldades. “É como um fantasma, a pessoa tem atração pela situação, mas tem medo de que aconteça, o que cria constrangimentos dentro do relacionamento. Um aceitou e o outro pressionou, no fim, a experiência não foi livremente consentida”, esclarece.

Foi o caso de Jorge*, que somente em





f a s e
de se-
para-
ção des-
cobriu que
a ex-mulher
freqüentava o
swing para agra-
dá-lo e nunca
expôs suas inse-
guranças. Ele detalha
que com a atual esposa
a comunicação acontece
abertamente e com maturida-
de. Os dois se conheceram no
swing e alertam para outra pre-
ocupação: a prevenção contra
doenças sexualmente transmis-
síveis. “Acho que é uma condição
de todos os casais que estão no
meio. São raríssimos os que não
usam preservativo. Normalmen-
te, são pessoas que apresenta-
ram exames e optaram por não
usar camisinha num grupo fe-
chado”, ressalta.



Eu com as quatro, eu com essa, eu com aquele...

“Tenho a fantasia de ficar com
dois homens”, revela a mulher,

n a
expectativa de
uma reação positiva.
Mas o olhar do outro
descarfa a possibilidade.
“O que você está pensando,
eu não sou veado não!”, diz um
terceiro que entra em cena na
Paraíso de Brasília. É o marido,
que briga com a esposa em tom
firme e decidido. Quem observa
a situação não imagina que é
tudo uma estratégia utilizada
por casais em que o homem é
bissexual. Por medo de sofrer
preconceitos, dificilmente assumem
a opção no meio do *swing*, onde o
assunto ainda é tabu.

“Já vi alguns casais que têm
curiosidade e não fazem por medo.

É um falso moralis-
mo, eles desejam, mas jogam
pedra no outro porque não têm
coragem de fazer”, observa Tú-
lio*. Casado há 14 anos, nunca
teve problemas com a esposa
por ser bissexual. Mais conhe-
cidos como Kasal Eros, os dois
preferem o *ménage masculino*.

Enquanto o bissexualismo
entre os homens é discrimina-
do pela maioria dos casais, a
prática feminina é aceita e in-
centivada. Alef* é organizador
de festas de *swing* em chácaras



e casas particulares de Brasília, normalmente afastadas do Plano Piloto. Ele avalia que cerca de 70% das mulheres que freqüentam o meio são bissexuais. Nas casas o homem solteiro às vezes paga na entrada o quintuplo do valor que a mulher solteira, porque normalmente não são desejados.

Em pesquisa sobre o comportamento e discurso de casais *swingers* da cidade do Rio de Janeiro, a antropóloga Olivia Von destaca que os papéis femininos e masculinos estão bem definidos. Ela descreve que as

mulheres têm maior liberdade para atravessar barreiras sem ter a identidade de gênero questionada. “Ser feminina está presente nas roupas, no corpo, mas não especificamente em uma performance sexual”, conclui. Já os homens, por estarem quebrando outras regras sociais, sentem preocupação em demarcar a masculinidade, negando a passividade e o homossexualismo.



E as preliminares?

Não se tem conhecimento de quando surgiu o *swing* ou a primeira casa do mundo ou do Brasil. Os mais antigos do meio contam que há mais de 20 anos existiu a Casa Amarela, que julgam ter sido a primeira. Localizada antigamente em Pinheiros, bairro de São Paulo, a casa não tinha fachada, era pequena e fechada ao público: iniciantes só entravam por indicação de um



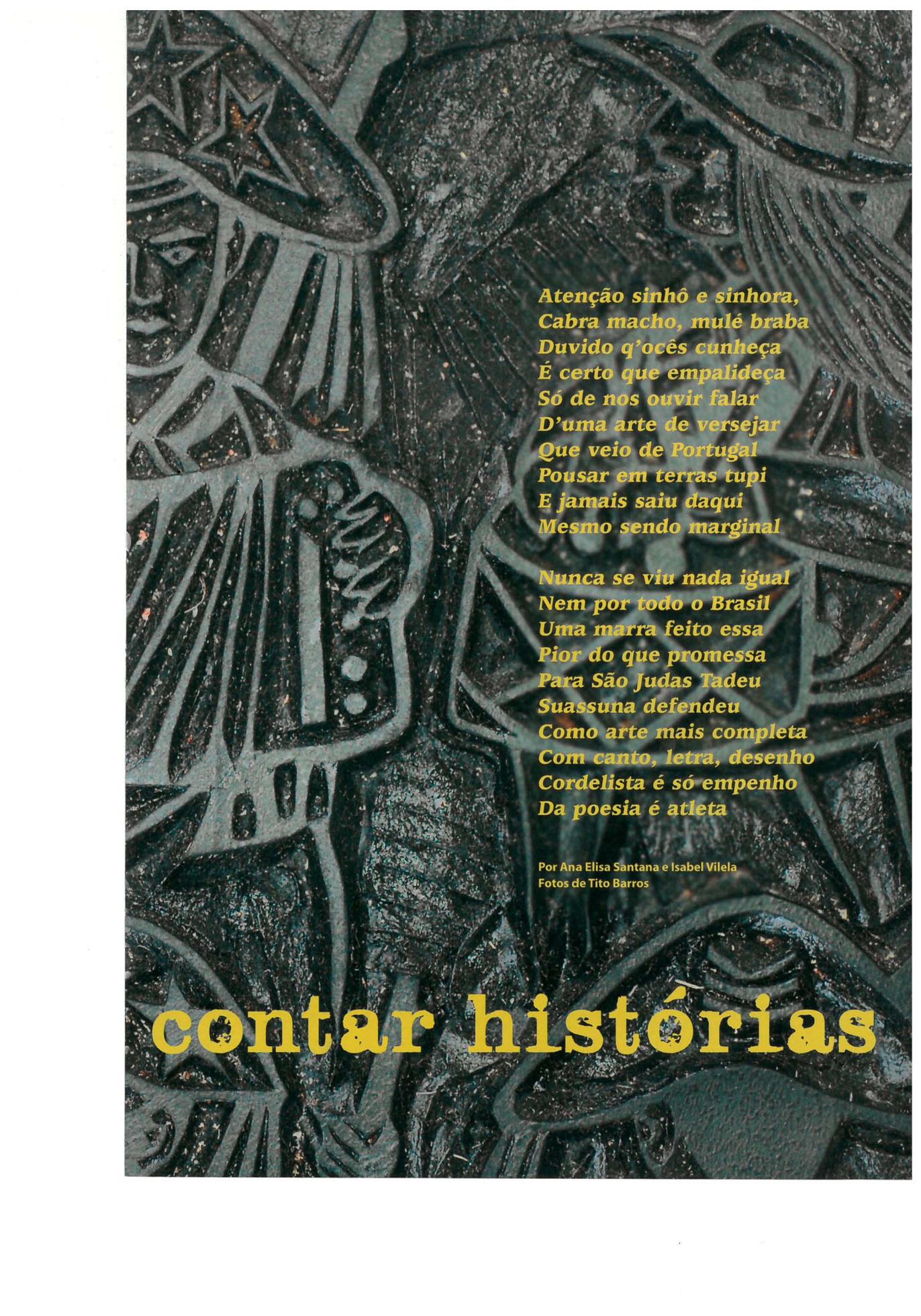
casal que frequentasse o meio. Quando o espaço ficou popular, foi a vez de Luigi* montar a Bon Vivant, no exato local onde está hoje a Image Night. A casa foi bastante frequentada e levou empresá-

rios a abrirem boates no Quadrilátero do *Swing*, formado pelas imediações das casas mais famosas de Moema: Enigma Club, Marrakesh, Image Night, Inner Club, Nefertiti e Vogue Club. A mais antiga em funcionamento é a Marrakesh, que fica em frente a Image Night. Gerente da casa há oito anos, Sílvio Tadeu conta que a escolha do bairro não foi por acaso. "Houve um presságio do ex-dono do Bon Vivant de que Moema seria o reduto das casas de *swing*. Se foi profecia a gente não sabe, mas acertou em cheio. Talvez por ser um dos bairros mais nobres de São Paulo", supõe o gerente, que se deparou com um público elitizado, devido aos altos custos de entrada e consumação nas casas. O Casal Normal SP, assíduo frequentador de Moema, revela que chegou a gastar uma média de R\$ 2 mil por mês somente com o *swing*.

Segundo JR Lira, que está há mais de 20 anos no meio e chegou a frequentar a antiga Casa Amarela, a atividade é popular na Europa e no mundo. Ele afirma ter conhecido 72 estabelecimentos na França, frequentado casas da Itália ao Marrocos e garante: "O *swing* vai ser uma coisa supernatural daqui alguns anos". Será? ❖



Cantando para



*Atenção sinhô e sinhora,
Cabra macho, mulé braba
Duvido q'ocês cunheça
É certo que empalideça
Só de nos ouvir falar
D'uma arte de versejar
Que veio de Portugal
Pousar em terras tupi
E jamais saiu daqui
Mesmo sendo marginal*

*Nunca se viu nada igual
Nem por todo o Brasil
Uma marra feito essa
Pior do que promessa
Para São Judas Tadeu
Suassuna defendeu
Como arte mais completa
Com canto, letra, desenho
Cordelista é só empenho
Da poesia é atleta*

Por Ana Elisa Santana e Isabel Vilela
Fotos de Tito Barros

contar histórias

Baieux. Como se diz? Baiê. É município de João Pessoa. E esse vilarejo? É Cuba. E por que Cuba? A essa o motorista Lamy não sabe responder. Mas conta que aquela pedra ali ao lado, quase infinita, talvez não desapareça: quanto mais se tira dela, mais parece crescer. Vocês conhecem José Lins do Rêgo? Ele nasceu em Pilar, pertinho de São José. São José é pra onde estamos indo? É. São José dos Ramos.

• Uma hora de Kombi separa a capital da Paraíba da cidadezinha no interior do estado. Pelo caminho, uma paisagem

ora árida, nos vilarejos, ora abundante em vegetação, à beira da rodovia. Em São José os olhares acompanham a passagem do veículo. Os nossos, admirados, seguem os bodes andando soltos pelas ruas, alguns deles criados dentro das casas. Moradores conversam nos solares e as crianças brincam. Nem rica, nem miserável. Nem litoral, nem sertão. Assim é o lugar onde acabamos de chegar.

Chamar o local de terra de Manoel Xudu, o príncipe dos poetas, é uma perfeita homenagem a Manoel Lourenço da

Isso aqui é como um rolo de papel, vai desenrolando e vou lembrando

Na casa de Zé Brito, acervo vivo da poesia de Xudu, curiosos ouvem os versos admirados com sua capacidade de memorizar e recitar



Silva. “Ele é o maior poeta do Nordeste. Aqui não tem mais poeta. Tem uns cantadorezinhos, mas ninguém como ele não”, defende, orgulhoso, Félix Xudu, irmão do cordelista.

De menino Xudu improvisava rimas ao som da viola que ele mesmo fabricava. “Ele cantava era desde novinho. Começou a carreira fazendo viola em banda de canto de cabaço. Era um dom de nascença mesmo”, lembra o sobrinho João Doca. O garoto não foi além da 5ª série, mas era mestre no segredo das letras. “A leitura hoje é tudo desenho e coisa, mas Xudu dizia que a carta do ABC são 25 letras e a pessoa, decorando tudo, podia ler todas as qualidades de livros. Aprendi a assinar meu nome com ele”, conta Félix.

Algumas casas adiante vive Zé Brito, companheiro de Xudu e figura conhecida na cidade. Aos 82 anos ainda guarda na memória uma incrível quantidade dos versos que viu o amigo criar, e recita pejejas inteiras como quem conversa com velhos conhecidos. Diante da admiração, explica as recordações com naturalidade: “Isso aqui é como um rolo de papel, vai desenrolando e vou lembrando”.

À noite, sentado em frente à pequena casa onde mora, é



Alguns bodes de São José dos Ramos são criados dentro de casa

*Você precisa saber
O que quer dizer cordel
Cultura, literatura
Talento de menestral
Um mundo de inteligência
Ser doutor sem ter anel*

**Juvenal Evangelista
Santos**

*Trecho de Origem
da Literatura de
Cordel.
Piauí, 1984*

verso atrás de verso. Vez em quando, Zé Brito interrompe a poesia para fazer uma previsão astrológica. Vez ou outra os moradores se chegam à roda, pedem uma estrofe, ficam um pouco e depois se vão. A cena remete aos tempos em que o cordel chegou ao Brasil, em meados do século XIX: em uma época sem rádio e tevê, muito menos internet, a literatura de cordel reunia as pessoas, servindo como arauto do povo distante e dos acontecimentos da região.



Numa cidade que vive sem pressa, as noites de poesia em frente à casa de Zé Brito são atração

“A leitura dos folhetos raramente era solitária”, escreve a pesquisadora Ana Maria de Oliveira Galvão, da Universidade Federal de Minas Gerais, em um de seus artigos. Segundo Ana Maria, as pessoas iam à feira para ouvir os vendedores declamarem as histórias em voz alta. Pegavam emprestado ou compravam o livreto, e liam nas reuniões cheias de gente na casa dos vizinhos e de familiares.

Ouvindo repentes e histórias desde criança, o nordestino se apegou ao cordel e com ele dividiu uma força que resiste ao tempo. A falta de intimidade com a língua portuguesa escrita fez com que o sertanejo memorizasse os versos assim, de forma natural, como quem aprende uma melodia após ouvi-la várias vezes. E não são raros os casos de pessoas que aprenderam a ler nos folhetos.

“Éramos cinco irmãos e aprendemos a ler com o cordel, porque naquele tempo não tinha escola. É herança de meu pai: ele lia e fazia a gente ler também”, conta Elias do Nascimento, que aos 64 anos ainda sabe os textos decorados na infância. “Da minha cabeça não saiu. Aqueles versos, depois de 49 anos, continuam vivos”, se orgulha.

Resistência marginal

*Um poeta que nem eu
a terra ingrata só come
porque da matéria
ela é quem mata a fome
Mas vai ficar de lembrança
de boca em boca o meu nome*

Manoel Xudu

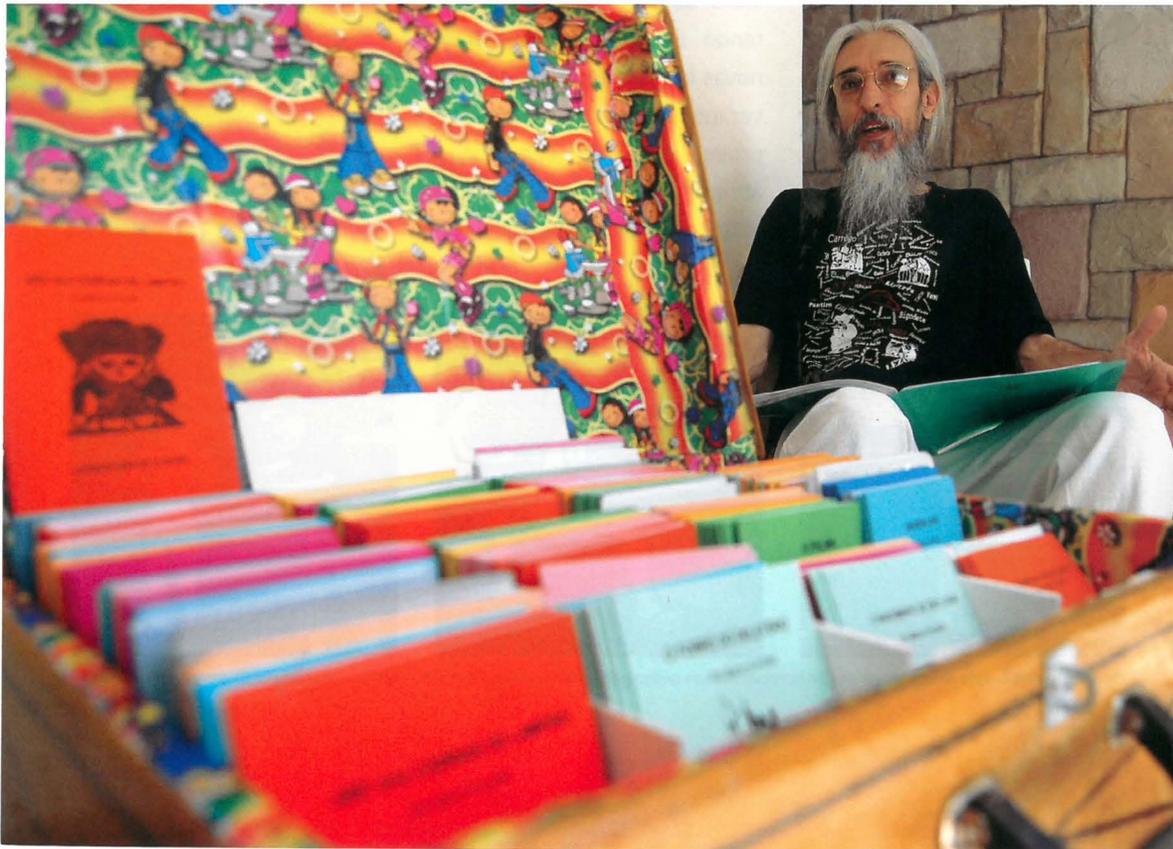
*Trecho de cordel recitado
para a sua esposa antes
de morrer, em 1986*

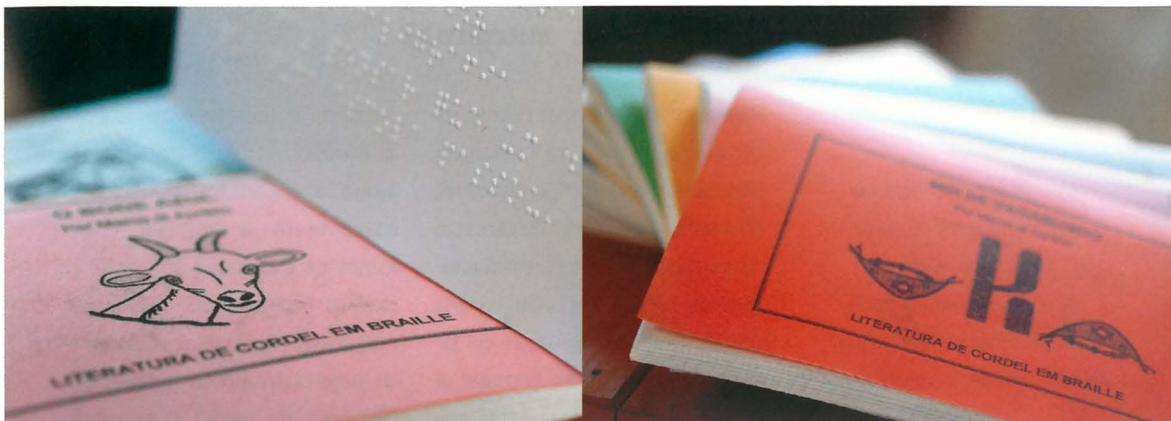
Parece muito o cordel permanecer quase 50 anos na cabeça de Seu Elias, mas o tempo nunca foi obstáculo para a arte de cantar e contar histórias. Ela já resistiu até mesmo às leis. Por mais de um século, por determinação de D. João VI, ainda rei de Portugal, a venda de folhetos era restrita aos cegos, mas a literatura de cordel sobreviveu à restrição e atravessou o oceano até desembarcar no Nordeste brasileiro.

Na varanda de sua casa, em João Pessoa, o cordelista e estu-

dioso de cultura popular Marco di Aurélio lembra histórias que ainda o encantam. “Os cegos mantiveram a tradição viva, foram os guardiões do cordel”, explica, garantindo que não por acaso algumas pessoas ainda hoje chamam os livretos de “folhetos de cego”. Para retribuir o feito Marco teve a idéia de publicar cordéis em braille, um trabalho até então inédito. “O cordel em braille é três vezes marginal: por ser cordel, uma literatura popularesca; por se

“Essa caixa? Todo mundo fica pensando que é a cobra”, brinca Marco di Aurélio, referindo-se à maleta onde carrega os cordéis, organizados por cores





Imprimir um folheto em braille custa 20 vezes mais do que um cordel comum, o que inviabiliza sua produção

dirigir aos excluídos, os cegos; e porque não se vende, é doado”.

Os deficientes visuais se empolgaram com a novidade. O irmão de um deles, muito abusado, perguntou se não havia exemplares em tinta. Ter, até tinha, mas o cordelista preferiu mandar o rapaz pedir ao irmão cego que lhe contasse a história. “O menino cego deu uma risada tão alta, que eu acho que nem Zumbi deu um grito de li-

berdade como o dele”, lembra.

Com apoio da Prefeitura de João Pessoa, di Aurélio fez cem caixinhas com dez folhetos cada uma, distribuídos em associações de deficientes visuais de João Pessoa. Mesmo tendo recebido pedidos para novas edições, lamenta não haver interesse oficial em apoiar o projeto. “Não há quem queira abraçar a reedição, porque não existe interesse comercial”.

O cordel com a morte de Getúlio Vargas vendeu um milhão de cópias no Nordeste



Produção e distribuição de um folheto na Lira Nordestina, mais antiga gráfica de cordel do Brasil: (1) cortando a xilogravura; (2) compondo o texto;



Folhetos expostos em cordões no Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa, e à venda em uma banca de revistas

Pendurado por cordões

O cordel é um gênero da literatura popular que não nasceu no Brasil, mas pode-se dizer que aqui ele cresceu. Originado no sul da Europa no período feudal, desenvolveu-se em Portugal e na França, onde hoje existe o maior arquivo do mundo. A origem do nome vem do fato de que em Portugal os folhetos eram ven-

didos pendurados em pequenos cordões, que os lusitanos chamam de cordéis. Ele pode ser escrito com diferentes tipos de rimas, como a seprilha, com sete sílabas poéticas, e o decassilabo, com dez.

O escritor pernambucano Ariano Suassuna, patrono da Academia Brasileira de Letras, diz que o cordel condensa três

artes: a literatura, através da poesia narrativa; a pintura, pois a gravura da capa pode apontar um caminho para as artes plásticas; e a música, porque tudo é cantado e acompanhado por viola e rabeca. “Eu acho que o cordel é a mais completa manifestação da cultura popular brasileira”, define o estudioso.



(3) pegando o papel; (4) preparando a cola; (5) recolhendo os cordéis prontos; (6) vendendo na feira

Aula de rima

O governo de João Pessoa, na Paraíba, vem promovendo iniciativas para tentar resgatar e valorizar a cultura do cordel. Seu Elias do Nascimento faz parte, justamente, do projeto Cordel na Sala de Aula, da Secretaria de Educação, que desde o ano passado divulga a literatura de cordel entre os estudantes. Usando teatro, fantoches, música e oficinas de confecção de bonecos, eles garimpam antigos e jovens talentos.

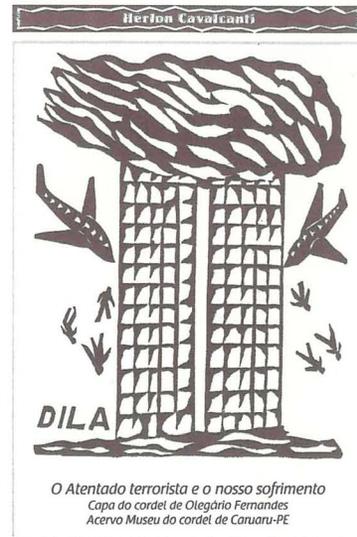
As prefeituras de Olinda e Caruaru, em Pernambuco, criaram projetos semelhantes. “A gente deu aula a duas mil crianças e cinco já saíram cordelistas. Então eu acho que valeu a pena, porque as crianças precisam de

uma descoberta e é essa descoberta que a gente tá fazendo”, orgulha-se Hérlon Cavalcante, 36 anos, idealizador do Cordel nas Escolas de Caruaru. As aulas do ano passado já renderam um livro com trabalhos dos alunos, e eles querem produzir um vídeo com os resultados deste ano.

Hérlon é presidente da Academia Caruarense de Literatura de Cordel e desde os 20 anos estuda o assunto com paixão. Para ele, a tecnologia não pode ser ignorada, mesmo quando se trata de uma cultura tão fortemente marcada pela tradição. “Com a chegada da tecnologia o cordel está tentando se inovar também: hoje se faz cordel até pelo Messenger”, garante.



Seu Elias resgatou o cordel graças à iniciativa da Secretária de Educação de João Pessoa. Hérlon (à direita) descobre jovens talentos no projeto Cordel nas Escolas, que coordena em Caruaru



Nas laterais, xilogravuras retratam cotidiano e grandes acontecimentos. No centro, capa de cordel de José Soares, conhecido como o cordelista repórter

Por muito tempo o folheto funcionou como uma espécie de jornal do sertão nordestino. Vendido em feiras pelos próprios autores, narrava histórias de crimes, amores, lendas e mortes.

José Soares, o famoso cordelista repórter, deixava prontos os obituários de pessoas conhecidas para dar o *furo* do acontecimento. O gênero foi muito utilizado também como suporte para a propaganda, e alguns cordelistas ganharam fama nacional, como Patativa do Assaré, Cego Aderaldo, João Martins de Athayde e Leandro Gomes de Barros.

Ariano Suassuna ressalta a importância de Leandro Gomes de Barros, um paraibano de Pombal, coração do sertão nordestino, morto há 90 anos.

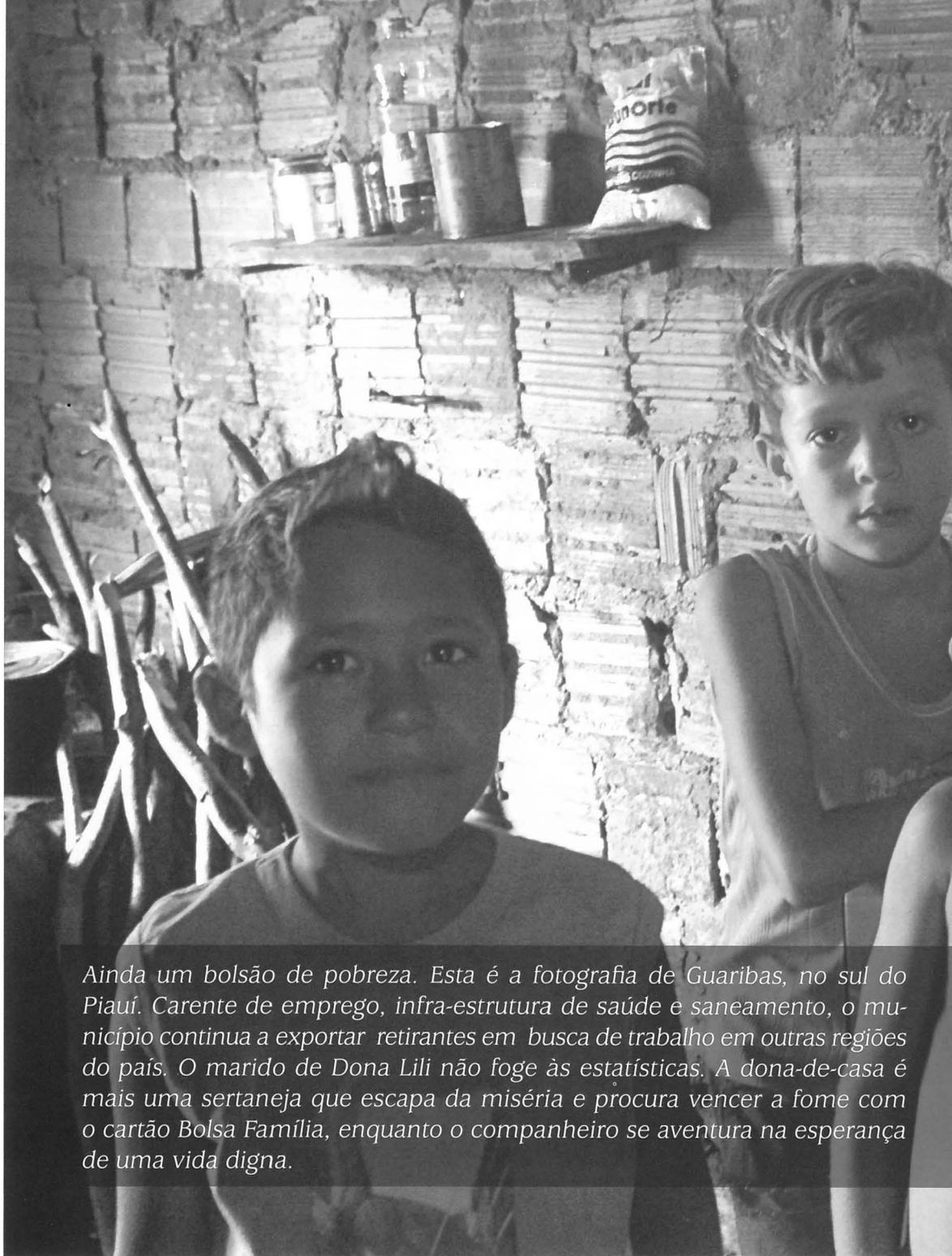
Pioneiro da literatura popular no Brasil, autor de mais de mil folhetos que mais tarde inspiraram vários autores, como o próprio Suassuna: *O Auto da Compadecida*, por exemplo, bebeu na fonte de *Enterro do Cachorro*, *O cavalo que defecava dinheiro* e *O Castigo da Soberba*, todos de Leandro.

O esperto personagem João Grilo também é criação do cordelista. “Em minha opinião, Leandro Gomes de Barros foi o maior poeta popular do Brasil. E me escudo na opinião de Carlos Drummond de Andrade, que defendeu para ele o título de Príncipe dos Poetas da Academia de Letras. Apesar de desprezado por todo mundo, ele teve papel importantíssimo na literatura brasileira”, declara Suassuna. ❖

*Poeta como Leandro
Inda o Brasil não criou
Por ser um dos escritores
Que mais livros registrou
Canções, não se sabe quantas
Foram seiscentas e tantas
As obras que publicou*

João Martins de Athayde
Trecho de *A Pranteada Morte*
de Leandro Gomes de Barros.
Paraíba, 1918

RETIRANTES DA



Ainda um bolsão de pobreza. Esta é a fotografia de Guaribas, no sul do Piauí. Carente de emprego, infra-estrutura de saúde e saneamento, o município continua a exportar retirantes em busca de trabalho em outras regiões do país. O marido de Dona Lili não foge às estatísticas. A dona-de-casa é mais uma sertaneja que escapa da miséria e procura vencer a fome com o cartão Bolsa Família, enquanto o companheiro se aventura na esperança de uma vida digna.

MISÉRIA

Por Luciana Marques
Fotos de Pedro Ladeira



Quando o helicóptero do governo federal pousou no município de Guaribas, no sul do Piauí, dona Lili suspirou de alívio por ser uma das primeiras a receber o cartão Bolsa Família. Maurina Silva Dias, mais conhecida como dona Lili, é a típica mãezona do sertão: seus 46 anos carregam oito filhos e nove netos. Aos 17, pariu o primogênito. Na região em que vive, a explosão demográfica acontece dentro de casa. A taxa de fecundidade do município é quase o dobro da nacional.

A sorte chegou em 2003, início do programa Fome Zero. Sorte porque, em Guaribas, receber o cartão é como ganhar na loteria e os que não recebem são tachados de pé frio. Dona Lili ganha 112 reais para alimentar 13 pessoas. “Pra comer não dá não, tem que trabalhar e se esforçar muito”, diz. Na dispensa, o leite é apenas para as crianças. O sal e a pimenta temperam o casado - feijão com arroz. Farinha e carne, só de vez em quando e, se sobra um dinheirinho, compra o gás do fogão. A conterrânea, Ana Maria da Rocha, admite: “uso o gás mais do que compro a bóia”. Mas dona Lili prefere usar a lenha a deixar alguém com fome: ficou traumatizada depois que um dos filhos teve desnutrição aos cinco anos. Mas a pele fina e enrugada retrata a própria insuficiência calórica da dona-de-casa.



A família de Lili também não saboreou as experiências do novo século. A geladeira, ela usa a do vizinho. Rádio? Tenho não, senhor. Televisão? Emprestada do genro, que viajou. Quando voltar, pega de volta. Em casa, os móveis também são escassos, não tem cadeira, nem sofá. Mas filho não falta: “só tenho fio dentro de casa, fio tenho muito”, diz. Em cima da mesa, único móvel da sala, uma garrafa com café, que a anfitriã oferece aos viajantes, sem cerimônia.

Nem todos os beneficiários do Fome Zero levam a vida com o sorriso de dona Lili. Por causa da depressão, Maria Eunice de Jesus de Souza, 47 anos, não olha nos olhos de ninguém enquanto conversa. “Só tenho o rádio mesmo pra me divertir, pra ver se acaba com a ruindade do peito, mas chega é mais”. Aos 13 anos, casou-se porque sua família não tinha condições de sustentá-la. Hoje tem nove filhos e dez netos. Sobre o Bolsa Família, ela responde com firmeza: “Eu pra receber o cartão fiz até promessa. Se não fosse ele acho que eu já teria morrido”. Maria Eunice não sabe se a origem do programa é federal, estadual ou municipal. Mas, analfabeta, garante que nunca votou errado ou deixou de votar em uma eleição sequer.

Para completar a renda, ela planta milho, feijão e mandioca. E aguarda a época da colheita, que nem sempre corresponde aos resultados esperados.

Retirante

Na rua, quando o orelhão toca, dona Lili corre pra atender. É que seu marido, há duas semanas, foi para Brasília e passou para ela a função de chefe da família. Além dos cuidados com a casa, é a mulher sertaneja quem enfrenta a barra quando o marido sai pelo mundo em busca de emprego. Bartolomeu Pereira Dias promete voltar em três meses. Por enquanto, divide um barraco na favela Varjão, no Distrito Federal, com quatro irmãos retirantes, piauienses e sonhadores. E a emigração continua a engrossar a periferia dos grandes centros.

Da janela de Lili, dá para sentir saudade. Ela fica em frente ao terreno em que será construído o Memorial Fome Zero, para não esquecer o município carro-chefe do programa e suas heroínas sertanejas: as donas-de-casa, a dona Lili.



EDUCAÇÃO

Para continuar recebendo o cartão Bolsa Família, os filhos de Lili não faltam a dia de aula, assim como a maioria dos beneficiários em Guaribas: a frequência escolar foi de 97% no início de 2008. “Só faltam quando não tem merenda”, diz a professora Clarissa Alves de Araújo. Apesar da queda na evasão escolar, muitos alunos repetem o ano e/ou não estão na série adequada para a idade. São raros os que freqüentam as aulas de reforço e a maioria dos pais, por ser analfabeta, não acompanham os filhos nos deveres de casa. Um Projeto de Lei está sendo discutido na Comissão de Educação do Senado para obrigar os pais beneficiários do Bolsa Família a participarem de reuniões escolares.



Maria Eunice fez promessa para receber o cartão Bolsa Família

Chuva e fome

No outono, a paisagem do sertão muda de cor. A chuva abastece o clima seco e a metamorfose do sertão deixa a terra verde, com expectativa de colheita. Mas, com últimas chuvas, o que parecia fartura, virou desastre natural, pois o excesso de água impediu a plantação de absorver os nutrientes do solo. “A chuva comeu tudo, panhei bem pouquinho mesmo”, testemunha Lili, que planta feijão.

E, pelo mesmo motivo, a festa da “Rainha do Feijão” também não vingou este ano. A rainha é escolhida entre as meninas da cidade, como num concurso de miss, para divulgar a colheita do município. Guaribas já foi o maior produtor de feijão da região, mas com as baixas safras dos últimos anos, perdeu o título que orgulhava o prefeito Ercílio Matias de Andrade. Segundo ele, o clima não é o único motivo da pequena produção. Depois do Bolsa Família, “o povo ficou preguiçoso, não quer mais trabalhar”, comenta. Os operadores do programa no município também dizem com unanimidade que os beneficiários do cartão ficaram acomodados e preferem não prestar mais serviço para os outros. “A gente vévi é da nossa roça. Tem vez que ganha, tem vez que perde”, diz um pequeno produtor.

Para o comerciante Ailton Correia da Silva, as vendas aumentaram depois do programa. Ele vende fiado já sabendo que vai receber no dia em que a Caixa Econômica liberar o saque mensal do Bolsa Família. O problema foi quando alguns comerciantes aproveitaram para exigir do cliente o cartão e a senha como garantia de pagamento de dívida. Os próprios vendedores sacavam o dinheiro durante meses e não devolviam o cartão mesmo depois que a quantia devida era paga. Hoje, por causa da fiscalização, é difícil encontrar alguém que se arrisque a cobrar dívidas por meio do cartão.

“E passo a passo, vai cumprindo a profecia Do beato que dizia que o sertão ia alagar”

Sá e Guarabira

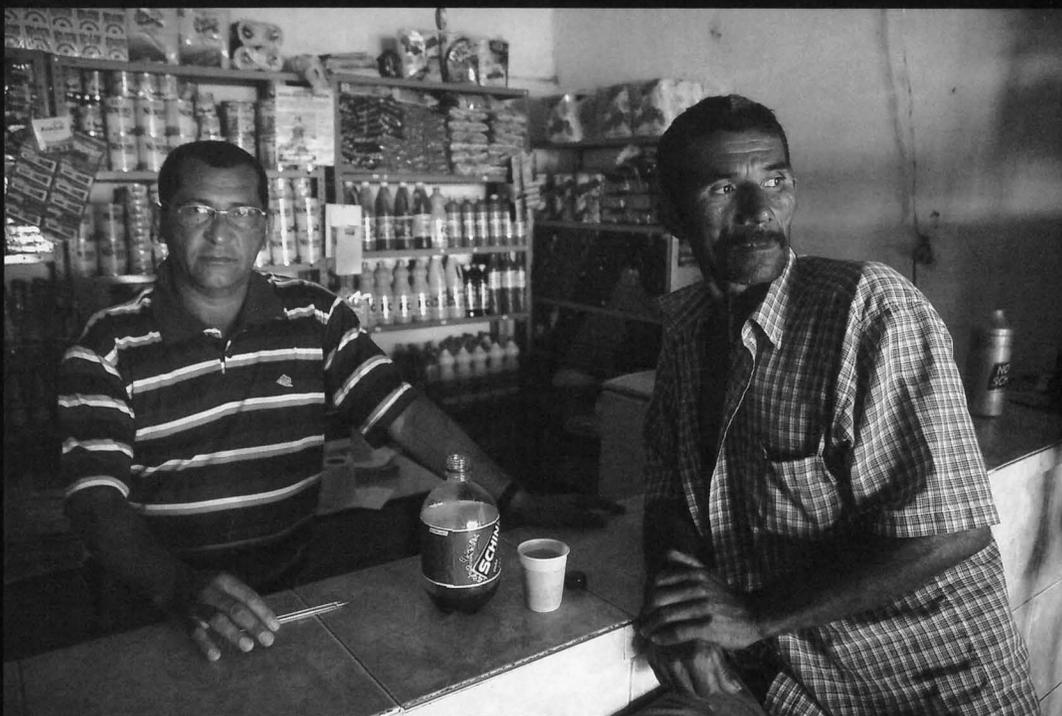
SAÚDE

Quem fica doente numa quinta-feira em Guaribas, enfrenta cerca de duas horas de viagem para ser atendido. É que os dois médicos que atendem nos postos do município não moram na cidade. O problema é que um chega na segunda e volta na quarta, e o outro chega na sexta e volta no domingo.

Apesar disso, o enfermeiro Lauro César Morais diz que a saúde do município evoluiu bem de 2003 para cá. Antes, ele atendia cerca de 35 pessoas com diarreia por dia. Hoje, são três ou quatro. "A melhoria na qualidade da água e na alimentação reduziram o número de casos", garante.

Por outro lado, as condições de saúde exigidas pelo Bolsa Família - atualização do cartão de vacina e a adequação de peso e estatura - são atendidas por 59% dos beneficiários. O enfermeiro garante a cobertura da vacinação, mas diz que a baixa estatura é uma característica comum ao nordestino. É o biótipo pequeno e raquítico do chamado homem gabiru, resultado de séculos de desnutrição.

Segundo o geógrafo Josué de Castro, em sua obra Geopolítica da Fome, só é possível educar o homem gabiru quando ele se livrar da condição de miserável. A fome dificulta a concentração mental e a atenção prolongada, o que leva ao baixo rendimento escolar.



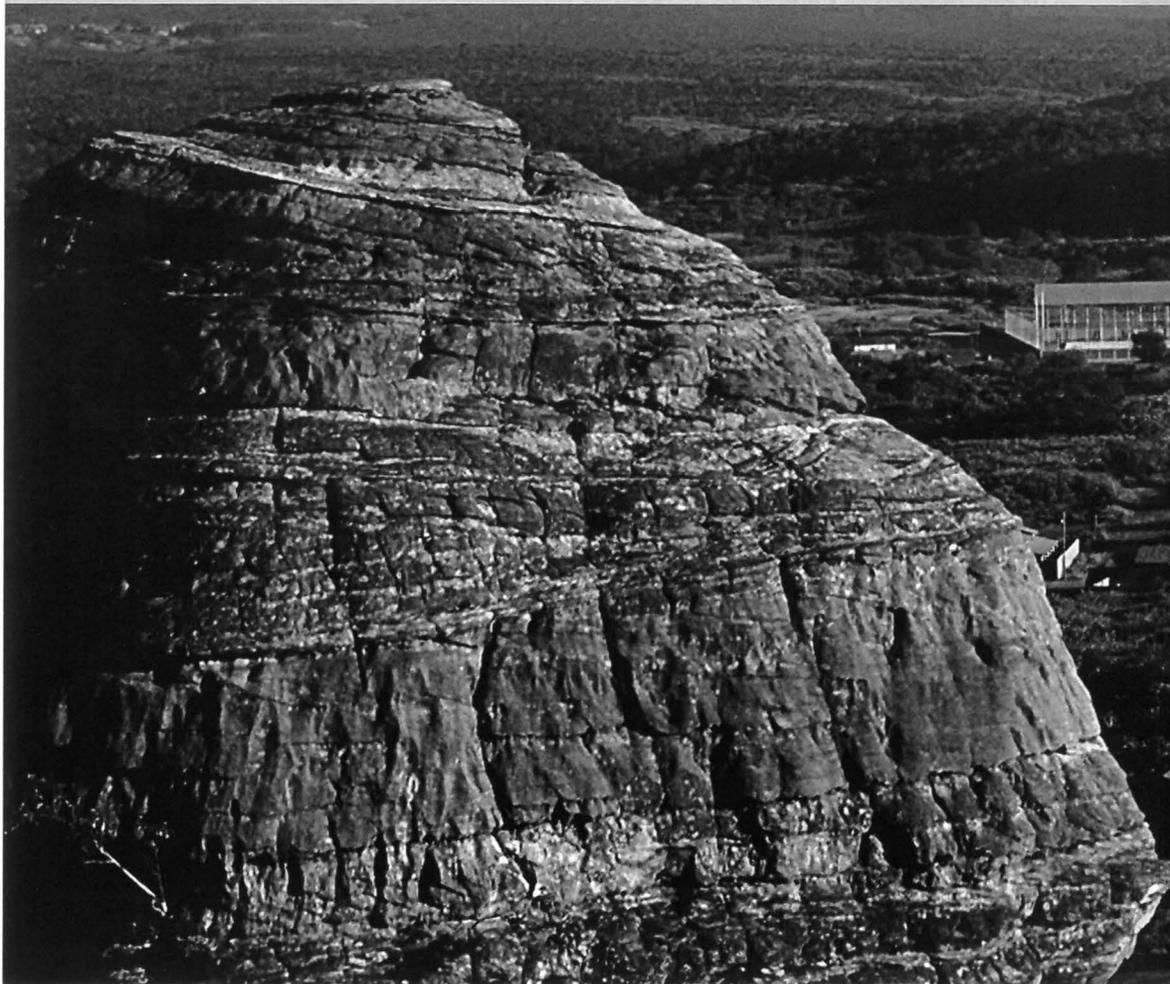
As mercadorias chegam ao comércio local a preços elevados, por causa do isolamento do município

GUARIBAS

O município de Guaribas, que entrou mapa do Brasil em 1997, continua isolado no sul do Piauí, a 650 quilômetros da capital Teresina. Não tem estrada de acesso e, quando chove, é praticamente impossível atravessar os 50 km de terra alagada que o separa da cidade mais próxima. A consequência direta é a falta de alimentos. O preço dos produtos também fica mais caro pela dificuldade de acesso, o que piora as condições de pobreza em que vive a população. Rodeada por uma serra, o município permanece isolado e faminto.

Só o feijão é garantido, já que os pequenos produtores abastecem o mercado local. A maior parte dos guaribenses - 81,35% dos 4.343 habitantes - vive na área rural e a base econômica é a agricultura. São os produtores rurais que movem o comércio da cidade, apesar da plantação sazonal e dos problemas com a colheita por causa da seca ou do excesso de chuva.

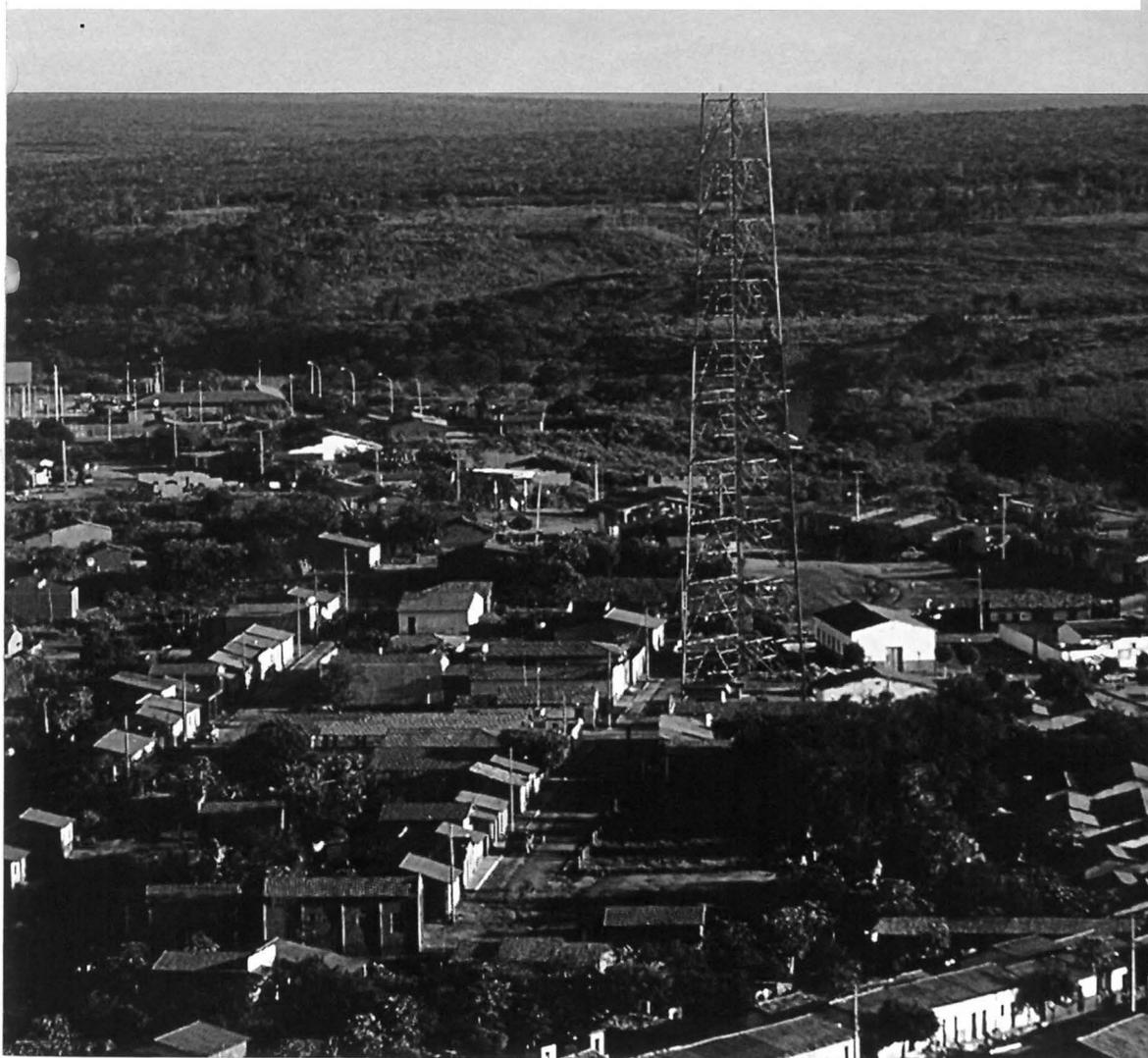
Antes do programa Fome Zero, o abastecimento de água era precário. A cena de mães e crianças carregando baldes de água por quilômetros de distância era comum no dia-a-dia. Hoje, quase todas as famílias do município têm água encanada. Por outro lado, há graves deficiências no saneamento básico.



Segundo o IBGE, no ano de 2000, apenas cinco moradores de Guaribas tinham banheiro em casa. A maioria tinha fossa ou esgoto a céu aberto. Hoje a situação é praticamente a mesma e o município possui um dos menores índices de desenvolvimento humano (IDH) do país.

Guaribas é, em poucas palavras, um bolsão da pobreza, quase incomunicável e excluído da modernidade. Na terra isolada, televisão é luxo, e dos grandes. Geladeira, também. Logo que vê que a tecnologia que chegou ao Brasil nos anos 40 separa, quase sete décadas depois, os pobres do sertão dos mais pobres ainda.

Lá não tem roupa de moda. Moda mesmo é casar cedo. A partir dos 13 anos, as meninas já pensam no casamento, muitas vezes para ajudar os pais, que não conseguem sustentar a família. Mas, como um ciclo vicioso, logo a nova geração toma conta do lar, enche a casa de filhos e a preocupação de conseguir alimentar a todos volta mais uma vez. É claro que o número de filhos não é a causa da fome - essa visão perdeu força há décadas. A subnutrição é consequência de um fenômeno social de desigualdade econômica e miséria. Guaribas é apenas um caso, entre tantos no Brasil. ❖





BRAVO SENHOR DOS PALCOS

Por Juliana Poletti
Ilustração André Lins

*Dona Alzira queria um filho médico, mas o Doutor Sérgio Britto largou o jaleco quatro dias depois da formatura para continuar encenando **Hamlet** ao lado de Sérgio Cardoso. Integrante da geração que lançou nomes como Cacilda Becker, Paulo Autran e Fernanda Montenegro, a carreira de Britto se confunde com a história do moderno teatro brasileiro. Despojado, ele se mostra sem máscaras fora de cena. Mas ouvi-lo é como assistir a uma peça de camarote: modula o tom de voz, direciona o olhar, gesticula muito e nos faz observar todos os músculos do rosto enquanto vai lembrando detalhes que compõem seis décadas de uma brilhante trajetória.*

Campus Repórter: A Medicina te sensibilizou como artista?

Sérgio Britto: Sim, porque eu era filhinho de papai, comportadinho. E de repente comecei a ver a vida de fato. No terceiro ano da faculdade fui trabalhar numa maternidade e passei por experiências que mexeram muito comigo. A família sonhava com a profissão de médico. Fiz para agradá-los.

CR: Costumava ir ao teatro?

SB: Íamos ao teatro três vezes por semana. Aos oito anos eu assistia às revistas do Walter Pinto. Vi em cena Iracy Cortes, Oscarito, Grande Otelo, Mara Rúbia, Beatriz Costa, o Procópio Ferreira. Vi

a Dulcina na abertura do Teatro Rival em *Amor*, do Oduvaldo Vianna, o pai do Vianninha.

CR: Como você se tornou ator?

SB: Um dia a Jerusa Câmara, diretora de um grupo amador chamado "Teatro Universitário", olhou para mim e disse: "Rapaz, você é muito bonito. Quer fazer teatro conosco?". Eu disse: quero. Até hoje não sei por que disse isso. O teatro começou como uma brincadeira.

CR: E quando deixou de ser brincadeira?

SB: Fiquei muito amigo do Sérgio Cardoso, e um dia ele me pediu para acompanhá-lo num teste

*Fotos do arquivo pessoal de Sérgio Britto escolhidas pelo próprio ator. À esquerda, em *As Pequenas Raposas*, de Lillian Hellman*

para o *Hamlet*, dirigido pelo Pascoal Carlos Magno. O Sérgio era ótimo, ganhou o papel principal. Eu fiz um papel menor, do Horácio, e com o tempo passei a fazer o Claudius, aí sim, um papel que mexeu comigo! Demorou até eu me convencer a me tornar ator.

CR: Como era sua relação com o ator Sérgio Cardoso?

SB: Éramos muito amigos. Eu admirava seu talento. Nós chegamos a remontar *Hamlet* em 1949 na nossa companhia, o Teatro dos Doze. Quando o dinheiro acabou, o Sérgio foi para o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em São Paulo. Depois, o Ruggero Jacobbi, que foi um dos diretores do Teatro dos Doze, me chamou para fazer *Electra*, do O'Neil. O Ziembinski me assistiu e disse que eu tinha possibilidade de vir a ser um ator. Para mim valeu como um grande elogio.

CR: Como era o trabalho do Ziembinski?

SB: Ele nos mostrou outro tipo de teatro, do qual passei a gostar bem mais. Estávamos acostumados a um teatro de atores, que transformavam suas personalidades em coisa tão atraente, que bastava isso para o teatro funcionar. Mas ninguém representava realmente um personagem. Como ator, senti a diferença, e mais: antes, a luz do teatro era só amarela (dia) e azul (noite). O Ziembinski começou a fazer matizes de luz. A luz do *Vestido de Noiva*, do Nelson Rodrigues, era uma coisa alucinante.

CR: As companhias eram uma tendência ou uma necessidade?

SB: Elas são ideais para a qualidade do teatro. A permanência de um grupo melhora a relação entre os atores, pois você precisa trocar o olhar com um colega para fazer um personagem de maneira mais verdadeira.

CR: A beleza o ajudou?

SR: Não, porque só me davam papel de galã. Eu não agüentava mais. Um dia o José Renato, do Teatro de Arena, me convidou para o papel de um marido bem convencional e ridículo na comédia *Essa Noite é Nossa*. Gostei muito, porque não dava para resolver só com o charme, era preciso representar. Descobri que deveria fazer papéis em que não me colocasse em cena, mas tivesse que fazer uma composição.

CR: Como foi sua experiência no Teatro Maria Della Costa?

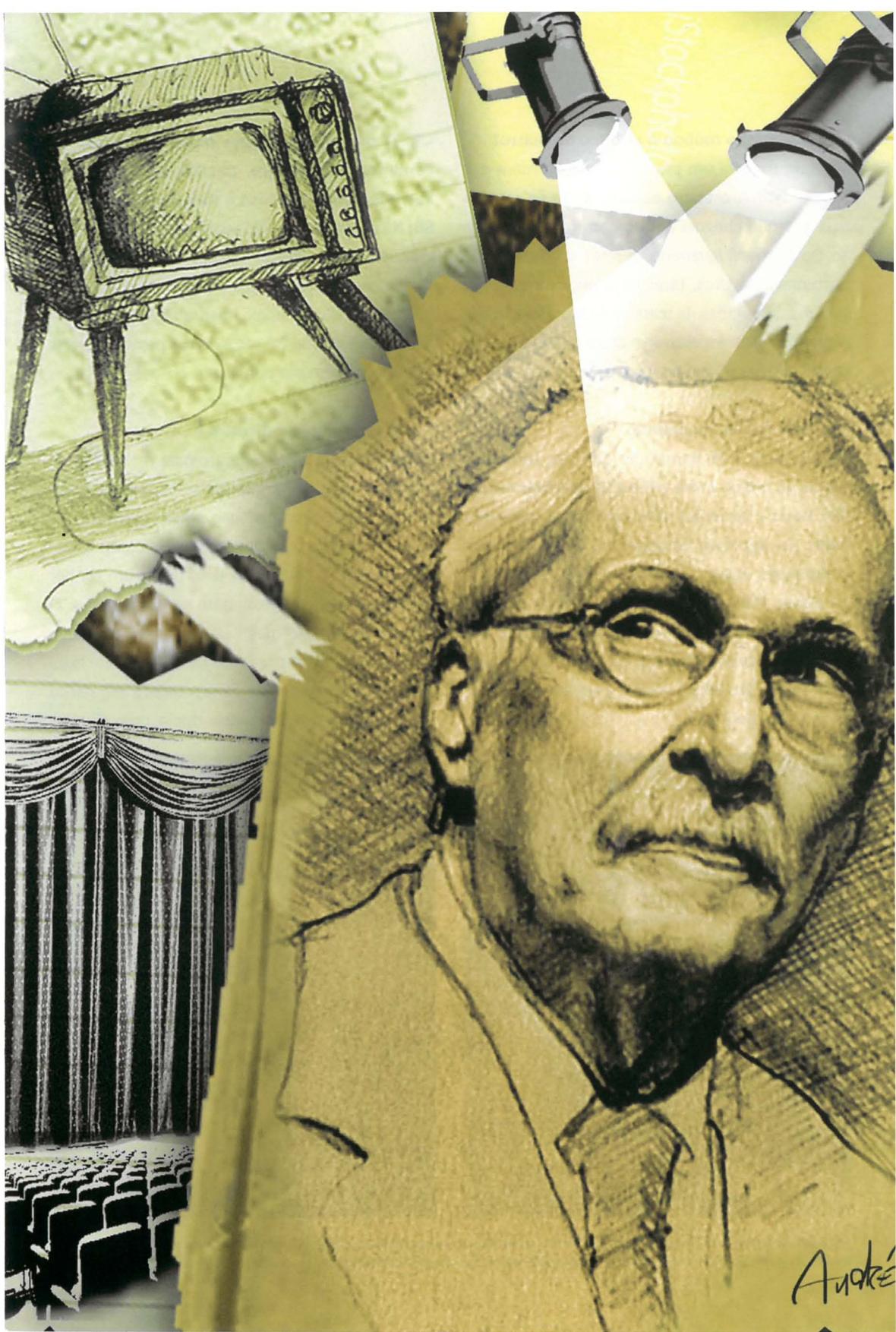
SB: Fiz uma carreira maravilhosa lá, entre 1955 e 56. Ganhei meu primeiro prêmio com *O canto da cotovia*. Ali conheci o diretor Gianni Ratto, que apaixonou a nós todos. O grupo tinha também a Fernanda (Montenegro) e o Fernando (Torres). Me lembro de sair depois do espetáculo pelo centro de São Paulo com eles para jantar e conversar. Nesta época eu tinha conhecido o Eugênio Kusnet, especialista no método Stanislavski, muito importante para o meu trabalho.

CR: Como era o estilo de Gianni Ratto?

SB: Ele se preocupava com conhecimento mais detalhado de um texto. Não queria fazer o "seu" espetáculo, mas um espetáculo que pudesse traduzir bem o texto. Quando ele foi para o TBC nós o seguimos. Fiquei lá de 1956 a 58, enquanto fazia televisão. Eram peças curtas, de um ato.

CR: O teatro exige mais do ator?

SB: Sim. A representação na televisão é como no cinema, sendo que no cinema o trabalho é detalhado: às vezes, basta um olhar para definir a cena. A televisão é mais superficial, mas também mais pobre. O grande problema dos artistas de televisão é que eles são menos exigidos e logo empobrecem seus meios como atores.

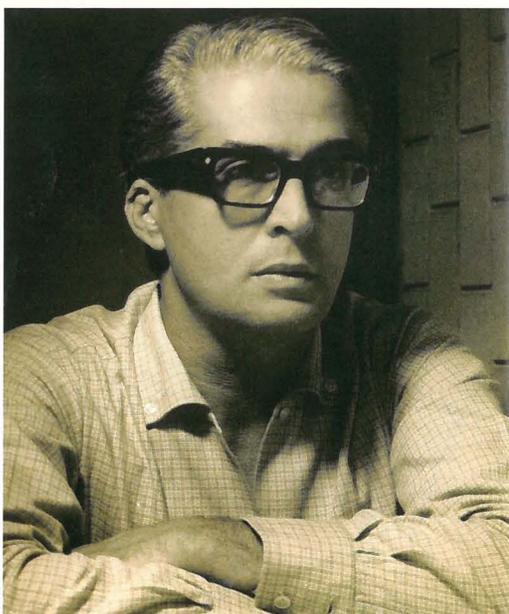


CR: A televisão roubou o público do teatro?

SB: Sim, mas foi um processo gradual. Além disso, ela ajudou o teatro apresentando os teleteatros. Quando cheguei ao Rio com o TBC, propus ao Guilherme Figueiredo, diretor da *Tupi* - que funcionava na Urca, fazer uma peça na tevê por semana, adaptadas de teatro e da literatura. Apresentamos 400 espetáculos entre 1956 e 1965, sendo que até 62 era ao vivo, tudo de cor.

CR: Uma rotina alucinante.

SB: Até hoje a Fernanda diz que nos tornamos atletas do teatro. Entre 1954 e 58 morávamos em São Paulo e fazíamos tevê no Rio às segundas-feiras. Eu decorava os textos no avião. Fizemos Dostoiévski, Balzac, Flaubert, Ibsen, Strindberg, Tchekhov, Pirandello, Jorge Andrade, os maiores autores do mundo. Isso atraiu tanta gente e nos tornou tão conhecidos, que nos permitiu organizar o Teatro dos Sete e vender assinaturas para os espetáculos pela tevê.



CR: O que significa fazer parte da geração de Fernanda Montenegro, Cacilda Becker, Cleyde Yaconis, Sérgio Cardoso e Ítalo Rossi?

SB: Na época a gente não avaliava isso, mas o teatro brasileiro hoje é resultado do que fizemos na década de 50. Atualmente o teatro vai caminhando aos tropeções, por falta de apoio financeiro. Vi espetáculos detestáveis esse ano. De cerca de 150 peças em cartaz, pelo menos cem são porcarias.

CR: O teatro hoje é diversão?

SB: O público quer ir ao teatro para rir. Telefonam para a bilheteria e perguntam se é comédia. É terrível, é um público que não exige mais nada. O cinema não foge tanto da realidade como o teatro tem fugido. O teatro hoje só pensa em vender bilhete. Os musicais tomaram conta da praça. O Cláudio Botelho (o mago dos musicais da atualidade) surgiu numa peça minha no CCBB. Ele fazia músicas para comentar cenas. Depois ele partiu para os seus musicais. Sua dupla com Charles



Sérgio em três tempos: aos 34 anos (acima); em O Poder do Hábito, de Thomas Bernhard (à direita); e com Rubens Corrêa, em Quatro Vezes Beckett, dirigido por Gerald Thomas (página ao lado). Hoje o ator apresenta o programa Arte com Sérgio Britto, na TV Brasil, às terças, 22 horas

Möeller é eficiente. Você pode gostar ou não do espetáculo deles, mas dá para ver que é uma coisa profissionalmente correta.

CR: Quem mais o marcou no teatro?

SB: Acompanhei o auge da carreira da Cacilda Becker. Ela é uma das grandes figuras do teatro brasileiro, ao lado de Paulo Autran, Sérgio Cardoso, Cleyde Yáconis, Walmor Chagas e Ítalo Rossi, um dos maiores, senão o maior talento do teatro brasileiro. Mas a figura que mais me impressiona, além de Nathália Timberg, Marília Pêra e Bibi Ferrreira, é a Fernanda.



CR: Existe fórmula para um bom ator?

SB: Minha geração não fez cursos, fazíamos com o teatro amador. Os cursos são bons, porque você treina o processo de atuação. O ator precisa descobrir alguma coisa, e para isso a gente usava o método Stanislavski, de buscar na memória afetiva o que poderia servir ao personagem.

CR: Como viveu a censura da ditadura militar?

SB: Na peça *O homem do Princípio ao Fim*, do Millôr Fernandes, eu lia a carta do suicídio de Vargas, mas em Brasília não nos deixaram ler. Então mostrei a carta sem falar nada. O público se levantou e começou a bater palmas furiosamente. Com *Missa Leiga*, de Chico de Assis, foi mais complicado: a certa altura a gente pedia esmola à platéia, dada em forma de declarações num gravador. Numa das apresentações, uma mulher se levantou e gritou “quero saber onde está o meu filho, a polícia pegou e nunca mais devolveu o meu filho”. Eram cenas comuns e o espetáculo acabou proibido.

CR: Fale sobre a montagem de *O Beijo no Asfalto*, do Nelson Rodrigues.

SB: O Nelson escreveu esse texto para montarmos

no Teatro dos Sete (Fernando, Fernanda, Ítalo, Gianni e eu). Toda semana ele trazia uma cena nova, e a gente adorava o suspense. No final, Aprígio, o sogro, mata o genro porque ele traía sua filha com um homem. Nós esperávamos esse desfecho, que representava o pensamento da família burguesa. Mas o Aprígio mata o genro porque está apaixonado por ele. A história era baseada em um caso real publicado nos jornais, e já tinha provocado escândalo. Levamos muita vaia, mas o Nelson gostou, porque achava o público burro. Então nossos amigos iam ao teatro e vaiavam, só para deixar o Nelson alegre.

CR: O que o inspira como artista?

SB: É ouvir o povo dizendo que recebeu de mim alguma coisa. Elogios não me impressionam. Estou com 85 anos, faço teatro há 63. Um dia um homem me parou rua e disse: “seu Sérgio, eu assisto o seu programa sempre, eu não entendo tudo não, sabe, mas eu gosto porque eu vejo que o ‘sinhô’ coloca o seu ‘cébro’ lá”. Esse tipo de opinião me move. Eu quero comunicar alguma coisa para as pessoas, isso me dá um prazer enorme. ❖

Contos

mínimos

Por Paulo José Cunha
Ilustração Virgílio Neto

Para que te quero

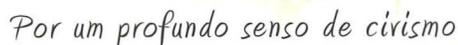
Quando começaram a lhe
nascem raízes nos pés foi
ao comércio e encomen-
dou um novo par de asas.

Visita

Última Flor sabia que a hora se aproximava. Mas não se ouvia rumor, leve que fosse. Balançou-se apreensiva, com aquele jeito das flores se balançarem, quando ficam nervosas. Empalidecia a olhos vistos. Mas, vaidosa, cuidava-se. E com ajuda do vento afugentava insetos, sacudia as folhas secas ao chão e procurava manter-se com um mínimo de frescor, já que a beleza lhe fugia. Ele viria, tinha de vir, nem que fosse pela última vez.

Enrubescou ao ouvir o ruflar que conhecia tão bem. Ele! A palidez sumiu. Estremeceu de gozo diante da elegância com que se aproximou, fazendo-lhe a corte. Como um mestre-sala, rodopiou a seu redor, antes de beijá-la. Ela adorava a ternura de seu beijo, durante o qual sugava-lhe o néctar. Emocionou-se, mas conteve-se. Não queria que a visse chorando. Cumprimentou-o e agradeceu a visita curvando suavemente o caule. Ele fez uma mesura de despedida e começou a se afastar, num vibrar de asas. Ela esperou que ele se distanciasse. Só quando teve certeza de que ele não perceberia foi que deixou cair a primeira pétala.





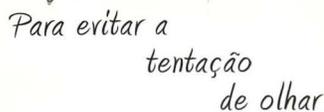
Por um profundo senso de civismo

Embainhou a espada, guardou a pistola no coldre, juntou os calcanhares, empertigou-se, acariciou as condecorações e bateu continência. Percebeu na imagem refletida pelo espelho que a velhice se aproximava. Treinado para matar, de repente ocorreu-lhe que a vida chegava ao fim sem nunca ter matado alguém. Considerou tal fato uma ofensa à sua biografia, precisava redimir-se, sacou a pistola e explodiu os miolos.



Procura-se

O almanaque dizia que, entre os 6 bilhões de habitantes do planeta, só 240 milhões são ateus. Por isso estranhou quando escreveu uma carta destinada a Deus, endereço: Céu. Selou, pôs no correio, mas ao fim de dois dias carta voltou: "Destinatário desconhecido".



Para evitar a tentação de olhar

Desde que um raio roubou-lhe o filho, a velha cobriu-se de luto e nunca mais tirou da cabeça o chapéu de abas largas.

Rompera com o céu e com quem lá morasse.



A Galiléia

A avó enfiava um pauzinho no chão, ficava olhando, e nada.

Uma semana, três, nada: o pauzinho não mudava de lugar.

Resmungava:

"E ainda tem gente que acredita nessa história de que a Terra gira".



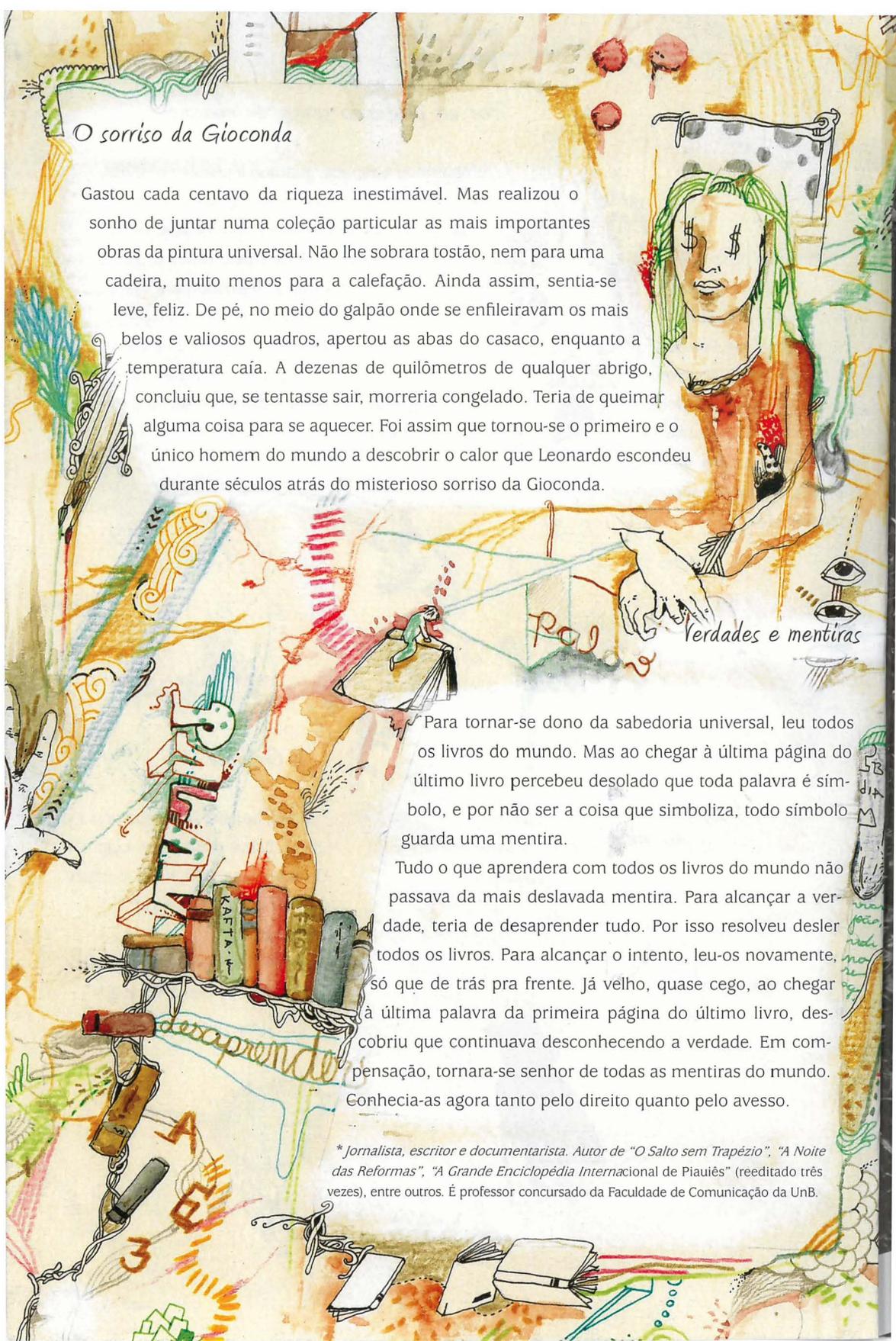
O sorriso da Gioconda

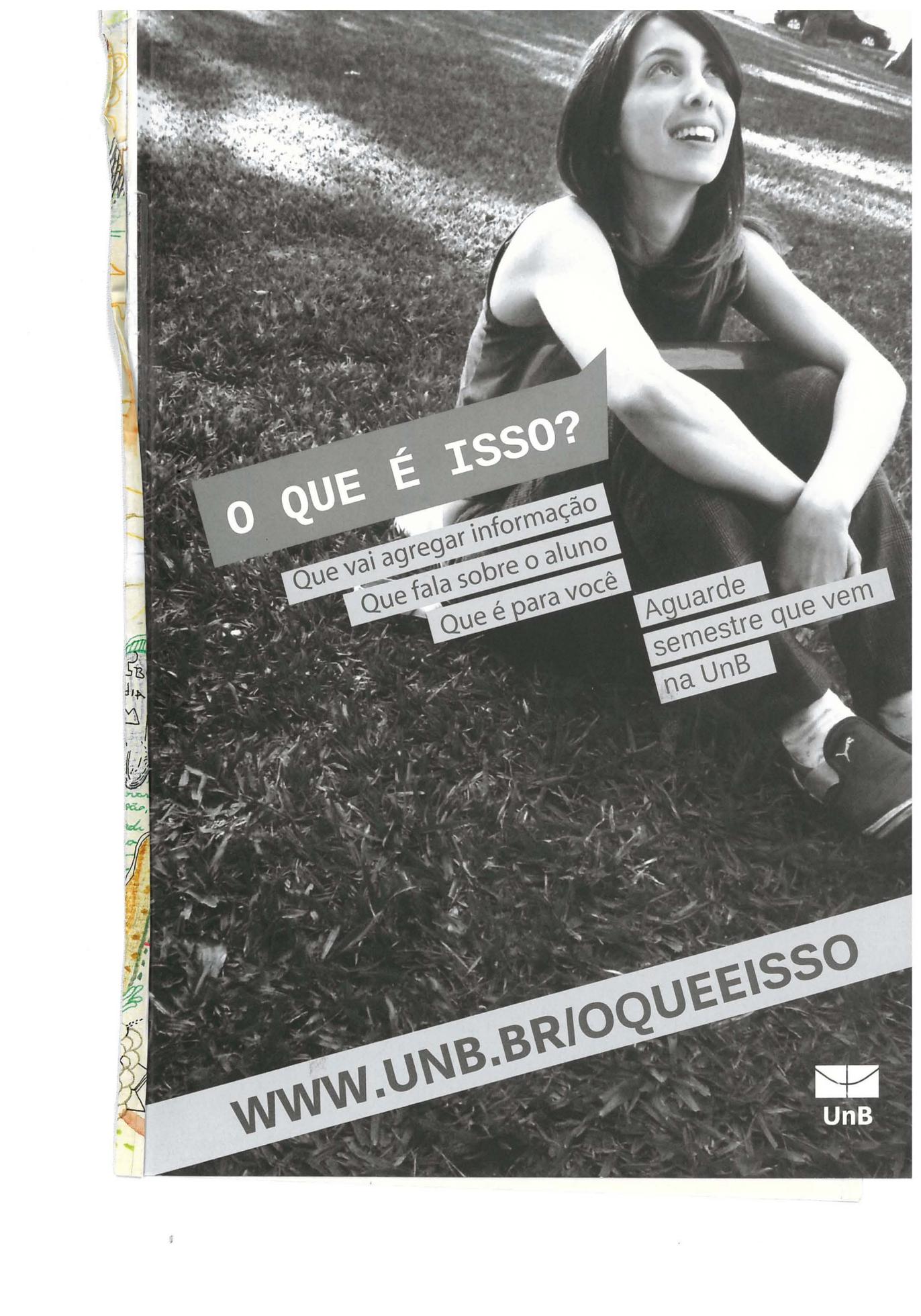
Gastou cada centavo da riqueza inestimável. Mas realizou o sonho de juntar numa coleção particular as mais importantes obras da pintura universal. Não lhe sobrara tostão, nem para uma cadeira, muito menos para a calefação. Ainda assim, sentia-se leve, feliz. De pé, no meio do galpão onde se enfileiravam os mais belos e valiosos quadros, apertou as abas do casaco, enquanto a temperatura caía. A dezenas de quilômetros de qualquer abrigo, concluiu que, se tentasse sair, morreria congelado. Teria de queimar alguma coisa para se aquecer. Foi assim que tornou-se o primeiro e o único homem do mundo a descobrir o calor que Leonardo escondeu durante séculos atrás do misterioso sorriso da Gioconda.

Para tornar-se dono da sabedoria universal, leu todos os livros do mundo. Mas ao chegar à última página do último livro percebeu desolado que toda palavra é símbolo, e por não ser a coisa que simboliza, todo símbolo guarda uma mentira.

Tudo o que aprendera com todos os livros do mundo não passava da mais deslavada mentira. Para alcançar a verdade, teria de desaprender tudo. Por isso resolveu desler todos os livros. Para alcançar o intento, leu-os novamente, só que de trás pra frente. Já velho, quase cego, ao chegar à última palavra da primeira página do último livro, descobriu que continuava desconhecendo a verdade. Em compensação, tornara-se senhor de todas as mentiras do mundo. Conhecia-as agora tanto pelo direito quanto pelo avesso.

** Jornalista, escritor e documentarista. Autor de "O Salto sem Trapézio", "A Noite das Reformas", "A Grande Enciclopédia Internacional de Piauíês" (reeditado três vezes), entre outros. É professor concursado da Faculdade de Comunicação da UnB.*





O QUE É ISSO?

Que vai agregar informação

Que fala sobre o aluno

Que é para você

Aguarde

semestre que vem

na UnB

WWW.UNB.BRIOQUEEISSO



UnB

